

H6
6748-13

RESTAURAÇÃO
 DOS
 ALGARVES;
 OU
 OS HEROES
 DE
 FARO E OLHÃO,
 DRAMA HISTORICO
 EM TRES ACTOS;
 ESCRITO
 POR
 L. S. O. (Luis de Siquiera Oliva)
 PORTUGUEZ.

*No amor da cara Patria, toda a Somma
 Das virtudes se abrange.*

F. M. Ode ao Excellentissimo Senhor D. Rodrigo
 de Sousa Coutinho.



LISBOA
 NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1809.
 Com Licença.

INSTAURATIO
 ALGARVES
 DE
 H. A. O. & O. L. A. O.
 DRAMA HISTORICO
 PER TRES ACTUS
 SCENIS
 D. S. O.
 PORTUGALIA

N. B. O. L. A. O. & O. L. A. O.
 D. S. O. & O. L. A. O.
 P. O. L. A. O. & O. L. A. O.



LIBRO
 IN LIBRERIA DE...
 DE...

P R E F A C I O .

NAs mais acreditadas Escolas das Bellas Artes sempre se assentou que o principal fim das producções Dramaticas, deveria ser augmentar estímulos para tirar os homens do lethargo, que os impede de promoverem a sua perfeição moral, antolhando-lhes a fealdade, e funestas consequencias dos vicios, e os attractivos das virtudes em quadros animados, que por huma especie de influencia mágica os convencão daquellas verdades, de que o tardivo raciocinio só deixa impressões superficiaes na sua alma: segundo este principio deverião ser proscriptas da Scena todas as producções Dramaticas, que pela monstruosidade de sua composição, e sobre-carga de obscuridades embuçadas com equívocos, socios inseparaveis das idéas torpes, se oppõem diametralmente ás Leis do Bom Gosto, e verdadeiros principios da Educação pública.

He realmente incalculavel quanto damno resulta á Sociedade a representação de Peças de semelhante natureza. Não he por ventura authorizar todos os que estão propensos a satisfazer os impulsos de suas paixões? Não he indulgenciar quanto adula os seus depravados appetites? Não he finalmente fazer de certa maneira a Apologia de seus péssimos costumes?

Chegão pois os Theatros a huma decadencia lastimosa, logo que nelles vemos representarem-se impunemente, depois de Dramas de sublime moralidade, Farças da linguagem a mais dissoluta, e propria dos mais sordidos *lupanares*. Muito embora a aura popular applauda semelhante abuso; e a influencia de *alguns Autores* sobre a opinião do vulgo lhe grangee huma sancção insuperavel aos decorosos clamores do Philantropo Patriota; porque todavia merecerá, a pezar disso, os tentames de affrontallo, a fim de effectuar a sua radical reforma.

P R E F A C I O .

Objectar-se-ha que o Público familiarizado com taes Peças, deixará de frequentar os Theatros, quando nelles se representarem Peças de incontestavel moralidade. Mas quem não vê a manifesta calúmia, que semelhante objecção envolve contra o character de huma Nação civilizada, e religiosa? Não he por outro lado palpavel absurdo conceder á parte mais corrupta do Público a authoridade exclusiva de regular o Instituto mais instructivo dos bons costumes? Não he pelo contrario a parte sã da Sociedade quem deve prevalecer neste caso? Se aquelle systema não padecesse réforma, quando poderia o Pai de familias conduzir seus filhos ao Theatro, onde irião escutar pela primeira vez termos e frases riscadas em todas as Nações dos Dictionarios da boa Educação?

Dizei, homens immoraes, affastarão por ventura os immortaes Pintores da Natureza humana os prescutores dos reconditos do coração do homem, os grandes Mestres que ensinarão o homem a conhecer o homem; affastarão, digo, Corneille, Racine, Schakespeare, Voltaire e outros, os Espectadores dos Theatros? Ou contribuiu o incomparavel Moliere pelos seus brincos de Thalia, arrancando a mascara ao vicio, ou ridiculizando a loucura sempre nos limites do mais escrupuloso decóro para a deserção dos Theatros do seu tempo?

Se devem pois representar-se Peças, que tornem os Theatros em verdadeira Escóla de bons costumes; em tempos criticos que ameçam a Patria, se nos manifestará ainda huma nova vantagem.

Sendo todos os Concidadãos interessados na conservação da Independencia nacional, e devendo todos ser esclarecidos nos meios de contribuir para este fim, então devem tambem os Theatros converter-se em Escólas do verdadeiro Patriotismo. Asserção que ninguem ousára negar sem se fazer suspeito de cobarde e intempestivo medo do Inimigo commum, ou de huma vergonhosa e culpavel fraqueza de espirito.

Por tanto deverião os interessados no bem público esmerar-se em que se pozessem em Scena Peças alusivas ás circumstancias do tempo, nas quaes se deixasse ver em toda a extensão a perfidia do Inimigo, pondo em movimento o Exemplo personalizado do quanto póde infundir no coração hu-

P R E F A C I O.

mano o ardente desejo de salvar a Patria, conservar o legitimo Soberano, e a Religião do Estado.

Os Factos, que formão o enredo de semelhantes Peças, não devem extrahir-se da Fabula; pois o Inimigo que se pretende fazer aborrecido, pertence á *Historia*; nem menos devem procurar-se nos Annaes dos tempos passados, porque os motores das calamidades são do tempo presente. Devent pois *dramatizar-se* acontecimentos, que se passarão debaixo dos olhos dos Contemporaneos, e nos quaes pessoas que respeitamos figurarão.

Portuguezes de hoje, conheceis vós Successos do tempo passado mais dignos de prender, e fixar a vossa admiração, do que aquelles, que effeiuarão a nossa feliz Restauração? Se os conheceis, não quero ser vosso contemporaneo, e unir-me-hei á Posteridade, que me fará talvez mais justiça!

Pertenderão talvez alguns apaixonados de inveterados abusos vituperar estas Composições Dramaticas, objectando que são informes, faltando-lhes a illusão, hum dos principaes encantos, por que o Poeta, lançando mão de factos que presentecemos, não pôde inventar; ou que he quasi inevitavel que não contenhão personalidades, que offendêrão tanto os Elogiados, como os que se reconhecem Censurados; não desejando os primeiros por motivo de modestia figurar no Tablado, e offendendo-se os outros dos pretendidos vituperios. A pouca entidade da primeira destas objecções fica manifesta de facto pela quantidade de Peças propriamente Historicas, que ha Seculos tem conservado o seu attractivo encantador para os Nacionaes, cujas façanhas ellas celebrão; e que em Londres, Berlin, Vienna, etc. alli se vem ainda todos os annos com o mesmo entusiasmo com que forão recebidas, quando ha cem annos apparecerão pela primeira vez em Scena. A cerca da segunda objecção, reflectirei sómente, que quem não sente que ha certos casos, em que o bem, e gosto particular deve ceder ao geral, e que não devemos prestar ouvidos a *ebullições* de intempestivos melindres, aonde por hum sacrificio de pequenas contemplações se preenche o fim dos mais importantes para o bem da humanidade: quem não sente a incontestabilidade destas verdades, digo, não merece ter voto sobre nenhum objecto de interesse público. O Inglez, v. gr., vê, sem o minimo escandalo, representar a pessoa do seu Rei, e successos:

P R E F A C I O .

da Corte, onde reside. Tudo depende de huma bem organizada direcção dos Theatros, onde cada casa de Espectaculos tem seu Director a quem huma sobre abundancia de outras occupações não rouba o tempo de examinar as Peças; alli cessão todas as chicanas, que podem esfriar o éstro dos Authores, de offerecer as suas composições, de cuja variedade he que depende a frequencia dos Theatros. Desta maneira tambem se illudem as chamadas *intrigas dos Bastidores*, que a favor de individuos particularmente validos, difficultão o accesso de Obras de merecimento para ceder lugar a *Bobices, Pulchinel-ladas*, e outros *monstros*, tão alheios mesmo do baixo Comico, como nocivos aos bons costumes.

Finalmente, concluir-se-ha este já cumprido Prefacio, observando que huma inopinada concorrência de circumstancias sinistras retardou a representação da Peça presente. O seu Author a compoz em 15 dias, e a destinava para o Beneficio de hum Actor de hum dos Theatros desta Corte, devendo apparecer em Scena no primeiro do mez de Fevereiro. Emen-dando-a agora, segundo os reparos de huma sevéra Censura, a offerece ao Público quanto antes, na suspeita de que outra do mesmo assumpto, mas que encontrasse mais benigno acolhimento, poderá apparecer no Theatro antes desta. O Público lhe perdoará este desabafo de seu amor proprio, que o persuade que não teria que recear a concorrência; e deplora mais que tudo a pouca fortuna do benemerito Beneficiado, que ficou por este acaso consideravelmente prejudicado no meio da sua subsistencia.



PERSONAGENS.

GENERAL MAURIN, Governador intruso dos Algarves.
Ajudante de Ordens deste, e Emigrado.

JULIETA, sua Irmã.

Capitão de Artilheria, Francez, Mr. Garriel.

Tenente Francez da Legião do Meio dia.

Capitão, Primeiro, de Artilheria, Portuguez.

Capitão, Segundo, de Artilheria, Portuguez.

Ministro de Faro.

CHARROCO, Habitante de Olhão.

AMARO, Habitante de Olhão.

Hum Morador de Faro.

MARIANNA, Irmã de AMARO, e Amante de CHARROCO.

FLORINDA, Creada de JULIETA.

Soldados Portuguezes de Artilheria.

Artilheiros, Infantês, e hum Dragão Francez. } que não fallão.

Paizanos Portuguezes de Olhão, e Faro.

A Scena se passa em Faro, e suas visinhanças.

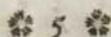
A C T O I.

O Theatro representa huma Sala de Despachos
do General Maurin.

S C E N A I.

MAURIN *s.*

VEjamos a Carta de Officio do Excellentissimo
Senhor Duque de Abrantes. (*Abre, e lê.*) » Gene-
»ral, acha-se a Hespanha quasi toda insurgida con-
»tra as nossas tropas, e o sangue Francez já princi-
»piou a correr. Juntas Provinciaes se estabelecêrão
»por toda a parte, e este contagio vai lavrando por
»toda a Peninsula com huma rapidez incalculavel.
»Lançados nas Costas Occidentaes do Continente, e
»rodeados por hum Elemento, que nos tem sido tão
»funesto, devemos mais que nunca augmentar de vi-
»gilancia, e cautelas, para que os Portuguezes não
»sigão o exemplo de seus visinhos; não poupar ou-
»ro, nem promessas para reduzir ao nosso partido
»os homens, que por sua representação Civil, ou
»Militar possão influir sobre o espirito dos Povos:
»punir com prompta, e pública morte os que mos-
»trarem desejos de sacudir o jugo: finalmente he ne-
»cessario espalhar o terror pela Provincia, e intro-
»duzillo mesmo no seio de todas as familias: este
»he o unico recurso que nos resta, e que sendo con-



„forme ao espirito , e intenções de nosso Amo , o
 „Grande Napoleão , não podemos reccar ser por el-
 „le arguidos. Viva o nosso Imperador ; eu vos sal-
 „vo. = Junot. = ” (*depois de reflectir.*) Os aconte-
 cimentos da Hespanha não me são estranhos ; ha
 muitos dias que receio que esse contagio atravessasse o
 Guadiana , que até agora lhe tem servido de unica
 barreira. As circumstancias , em que me vejo são por
 extremo melindrosas , e arriscadas : as minhas tropas
 são poucas para o terreno , que he necessario aco-
 bertar : não me he possivel por outro lado contar com
 hum só Portuguez ; ha seis mezes que vivo neste Paiz ,
 e ainda não pude grangear hum amigo ; pelo contra-
 rio cada vez mais observo no semblante de todos a
 expressão do odio concentrado , e em torno de mim
 aquelle silencio sombrio , claro annunciador do mais
 evidente desprezo. Na verdade , se não encontrára es-
 se Emigrado , que adoptei para Ajudante de Ordens ,
 o qual tendo vivido neste Paiz tinha examinado á
 fundo , os costumes dos seus habitantes , não sei que
 teria sido de mim , não sabendo a lingua Portugueza ,
 nem achando hum só Portuguez , que quizesse ser-
 vir-me de Interprete. Somos , nós outros Francezes
 modernos , obrigados a confessar , que se não encon-
 trassemos pelas Nações , que temos invadido , alguns
 Emigrados dos que desampararão a Patria para vir
 na alheia procurar a fortuna , que por sua ineptidão ,
 e costumes nem tinham encontrado na antiga , nem
 poderião achar na moderna França , não teriamos
 subjugado metade dos Povos , que temos agrilhoado.
 Que exemp'lo mais notavel do que o desse Novion ,
 que , tendo deixado a França , veio aventureiro pro-
 curar fortuna em Portugal. Initulo-se Conde , de-
 rão-lhe as honras desse titulo ; condecorão-no com a
 Ordem mais estimada ; e pouco depois o fizeram Che-

fe da Policia armada, que pela força e poderes, que quasi sem limites exercia, tinha na sua mão a vida, e bens dos Lisbonenses. Foi com tudo este mesmo homem, que não obstante tantos beneficios, nos communicou para a França todas as noticias de que precisavamos sobre a situação politica de Portugal, e que logo que entrámos, veio gostoso unir-se ao nosso partido; e que finalmente tem feito serviços a Junot, e á nossa causa com hum zelo digno dos maiores premios de Napoleão. O meu Ajudante de Ordens me offerece hum segundo exemplo em nada inferior ao primeiro. Emigrado, e acolhido pelo antigo Governo, mal entrei neste Paiz, foi o primeiro que se me apresentou; deixou por mim o bemfeitor; e se tivesse querido prestar-lhe ouvidos, teria pago tamanhos favores com a mais negra das perfidias. Estes pois são os homens, que mais nos interessa ter ao nosso lado, delles nos aproveitamos, em quanto nos podem ser ute's, para o plano da sujeição universal da especie humana. Mas elle ahi vem....

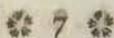
S C E N A II.

AJUDANTE, e o mesmo.

V Indes bem a proposito; agora mais que nunca, eu, e o nosso General em Chefe, necessitamos dos vossos bons officios. Lêde essa Carta.

AJUDANTE. (*depois de ter lido.*)

He conforme ás noticias que tenho colhido, e reina nella o mesmo espirito que me anima; são necessarias medidas do ultimo rigor; ha muito tempo que estou convencido, que só o sangue do culpado,



ou innocente, indistinctamente vertido, he capaz de maniar os Povos, e lançar-lhes os ferros: a doçura he inimiga do poder; e os Conquistadores por qualquer maneira que o sejam, nunca podem esperar dos conquistados amor nem respeito; cabe-lhes em partilhas o temor e receio; e estes podem só alcançar-se pela destruição e morte.

MAURIN.

Quem vos escutasse, não vos conhecendo, poderia talvez pensar que nunca abandonastes a França, e que aprendestes na mesma Escola dos Dominadores do Continente; esses principios são os que hoje todos professamos, e que fólgo de escutar na boca de hum Emigrado.

AJUDANTE.

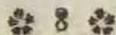
De que se trata pois, meu General? Que he necessario fazer?

MAURIN.

Tomar todas as medidas para que os Vassallos do meu Governo se não revoltem; acarear os Grandes, e punir os pequenos. He necessario primeiro que tudo observar de perto os que nos poderião ser damnosos, dirigindo o furor patriótico; finalmente todos os que gozando entre os seus Compatriotas da estima pública, adquirida pelas armas, ou pela toga, possam servir de cabeça aos Insurgentes.

AJUDANTE.

Descançai, General, sobre mim; sabeis que ha oito annos vivo neste Paiz, não como simples particular, mas junto da authoridade; conheço todos os Hab tantes, seu character, e capacidade; encobri-do-lhes o coração, tenho fingido chorar com elles o antigo regimen; tenho lhes afagado com rebuço a paixão que os devora, e feito persuadir-lhes que se me



alistei debaixo do estandarte Francez , foi só para
lhes adoçar as penas.

MAURIN.

Confio muito nos vossos conhecimentos , e mais
que tudo na vossa adhesão á causa Franceza. Vossos
serviços subirão hum dia ao throno do Imperador pe-
la boca de Junot.

AJUDANTE.

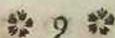
Se me dais licença , vou dar hum passeio pela
Cidade , quero ver se encontro certos Portuguezes,
que não perco de vista , e observar-lhes nos discursos
a disposição de seus animos ; do que souber vos da-
rei parte : a Deos meu General. (*Sabe.*)

SCENA III.

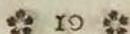
MAURIN só.

MAURIN.

EM que terrivel posição me vejo ! Daqui dez le-
goas tem hum Povo inteiro jurado morrer pela sua
independencia , Principe , e Religião , e hum odio eter-
no ao nome Francez : o Dominador dos mares bloquea
os mais pequenos portos dos Algarves ; e finalmente
huma cordelheira de montanhas me fecha o Norte de
Portugal : parece que de proposito me lançarão neste
canto do mundo para me perderem ! E no meio de tu-
do isto Junot me escreve para que me defenda , sem
enviar-me auxilios ! Com que meios ? Que recursos ?
Acaso mil e seiscentos homens poderião defender-se
de trezentos mil Habitantes ! Eis o General que o Im-
perador manda a huma expedição de todas as que te-
mos emprehendido a mais arriscada. Mas como não
ha de assim acontecer , se o mesmo Bonaparte se esque-



ceo dos preceitos mais simplicis da guerra, e da politica a mais singela, a ponto de mandar trinta mil crianças para conquistarem hum Paiz de tres milhões de Habitantes. Pertenderia elle perder-nos? Eu assim o penso. Sua desmedida ambição, e inalteravel insensibilidade he capaz de sacrificar toda a especie humana ao mais ligeiro capricho de sua fantasia. Se nós outros seus Emissarios levamos os estragos a remotos climas, tambem não poucos experimentamos executando suas sanguinarias ordens: a cada passo encaramos o negro aspecto da morte; as maldições dos Povos, que opprimimos, nos perseguem por toda a parte; e a cada momento o grito da miseria publica fere nossos ouvidos. Ah! se he dado ainda a hum Francez ser homem, e nutrir no peito sentimentos de humanidade, não sei como o General, o Official, e o mesmo Soldado possam dormir tranquillos no leito do proprio opprimido, sem que sejam acordados pelo aguilhão do remorso. Portuguezes, conheço vossas desgraças, confesso que somos a causa; mas sou mandado, destinei-me á carreira das armas, não posso abraçar outra; e na alternativa de abandonalla, prefiro seguilla. Huma vez encarregado deste Governo, hei de continuar a exercello. Serei obrigado talvez a lançar mão de meios violentos para conter a tempestade, que nos ameaça; em tal caso terei cumprido as Ordens desse Junot, que não sendo o executor, parecerá com o seu ar de brandura não lhe ter dado origem, em quanto eu ficarei entre vós com o nome odioso de carniceiro Francez. Parece que tudo se accumulou para me atormentar; minha saude cada vez mais se altera, e o espirito não socega: vou repousar hum pouco, necessario da solidão. (*Sabe.*)



SCENA IV.

JULIETA, e FLORINDA.

JULIETA.

V Iste meu Irmão, Florinda? Que fará elle? Não sei o que me adivinha o coração; todas estas noites tenho tido sonhos espantosos. Florinda, a entrada dos Francezes em Portugal não veio perturbar só a felicidade, de que gozavão seus tranquillos habitantes, veio tambem destruir a minha, a pezar de ser Franceza. Por hum lado, meu Irmão seguindo o partido dos Intrusos, lançou huma nodoa na conducta da sua vida, e fez participar a familia da reprovação pública; por outro, o meu Amante, cujo peito abraza o mais ardente Patriotismo, tem esfriado no amor que me consagrava; o nome Francez tornou-se-lhe odioso, e eu menos cara.

FLORINDA.

Socegai Senhora: vós não sois Franceza, ou pelo menos em nada vos pareceis com esses, que hoje nos opprimem; vosso bom coração, e oito annos de huma vida sempre virtuosa, vos tem attrahido a estimação de todos, os que vos conhecem; o vosso Amante deve pensar como eu.

JULIETA.

Mas meu Irmão! Circula nelle o mesmo sangue; não posso deixar de temer suas desditas, e de sejar sua fortuna; sei que entre elle, e o meu Amante se levantou huma barreira, que os sepára para sempre; vê pois qual he a minha situação; por huma parte, o sangue e a gratidão requerem que abraçe o partido Francez; por outra, o amor e razão que siga o dos Portuguezes.

* II *

FLORINDA.

Deveis seguir o do Amante; e toda a reflexão, Senhora, em semelhante materia, he fraqueza, por não dizer outra coisa.

SCENA V.

O primeiro Capitão de Artilheria Portuguez,
e as mesmas.

CAPITÃO (*agitado.*)

Bons dias, Madamoiselle Julieta, poderei fallar ao Senhor Governador?

JULIETA.

Vindes, Senhor, mui apressado, desconheço vossas maneiras; he a primeira vez, que não vos informando de mim, me perguntais pelos outros; ou caso de grande ponderação vos occupa, ou o meu coração adivinha: já sei, Senhor Capitão, todo o meu crime he ser Franceza, e viver entre Francezes.

CAPITÃO.

He verdade que esse nome me he ingrato ao ouvido; mas, Senhora, o meu coração não reconhece taes dissonancias; são as bellas acções, e virtudes, crimes, ou feias acções, que unicas lhe causão impressão; mas deixemos intempestivos discursos, necessito de fallar ao Governador, poderei conseguillo?

JULIETA.

Florinda, vai ver se elle póde fallar, fazê todas as diligencias para que venha. (*Vai-se Florinda.*) Agora que estamos sós, quero descobrir-vos o coração, e communicar-vos todos os tormentos, que o dilace-

rão. Deveis conhecer que forçadamente vim para a companhia de meu Irmão; nunca aprovei a sua conducta, e muitas vezes me oppuz aos seus projectos, e confesso-vos que não viria para Faro, se não habitasseis nesta Cidade; conheci por huma vez a pureza de meus sentimentos, e fizeti justiça ao meu amor; sejam quaesquer que forem as opiniões vossas, e de meu Irmão, espero que nada possa alterar nossos affectos; sou Portugueza por gratidão, sentimentos e amor; e de Franceza apenas conservo o nascimento e nome. Tenho com tudo hum Irmão, a quem cegueira fatal tem desviado da verdadeira estrada da honra; rogo-vos pelo amor que nos une, que o livreis das garras da morte, no caso de alguma revolução.

CAPITÃO.

Esperai tudo de mim; sou verdadeiro Portuguez, e para sustentar esta reputação sacrificaria o proprio amor que vos tenho: faço justiça aos vossos sentimentos, e saberei livrar vossa familia de todos os males que possuem ameaçalla. Porém, querida Julieta, todo o tempo que dou ao amor, he hum roubo que faço á Patria: perdoai; necessito fallar ao General, e sua demora me inquieta; em tempos mais ditosos fallaremos do nosso amor, e estes, o coração me diz, que não estão muy longe de nós mas o Governador ahi vem. . . .

JULIETA (*sabindo.*)

A Deos, lembrai-vos de mim, e do que vos disse.

CAPITÃO.

A Deos, querida Julieta.

SCENA VI.

Maurin , e Capitão.

MAURIN.

SEnhor Capitão , que negocio vos conduz á minha casa ; deve ser de bastante ponderação , pois que me procura o prazer de vos fallar , honra que raras vezes me concedeis.

CAPITÃO.

Rogo-vos , General , que me escuteis sem testemunhas ; o negocio de que venho tratar pede toda attenção.

MAURIN.

Podeis fallar livremente , ninguem nos escutará , e com prazer vos ouvirei.

CAPITÃO.

Venho , Senhor , fallar-vos pela primeira , e bem póde ser ultima vez , em nome da Patria , e de trezentos mil Habitantes , que governais : he huma divida que lhe devia , he já tempo de lha pagar. Escutai , serei modesto , dir-vos-hei sim verdades terriveis , mas não vos insultarei : reputo vós homem , e esse titulo me basta para trata-vos com a dignidade devida á nossa especie ; falla vos hum Portuguez , e a minha Nação , em tudo geneosa , nunca conheceo dicterios , he nobre até no soffrimento ; sendo agora su orgão , não desmentirei aquelle character. Escutai pois. Aquelle que chamai vosso Amo , enviou-vos a Portugal para proteger-nos ; e que desgraça era a nossa ? Para merecermos sua compaixão ! Que supplicas lhe fizemos nós ? Para querer beneficiar-nos ! Quem o instalou a elle Tutor

da especie humana? Que direito tem elle sobre os mais homens? He mais velho do que todos! Concedeo-lhe a Natureza attributos, que negasse aos mais! Ou he a sua omnipotente ambição firmada sobre quinhentas mil baionetas, que lhe dá esta primazia! Acaso ignora o Tyranno, que a força póde subjugar as acções do homem, mas nunca o espirito e vontade; que a força póde exigir submissões, mas nunca amor e respeito! E que finalmente chega hum tempo, em que a opinião publica faz cahir da mão do mesmo Soldado a propria baioneta!

MAURIN.

Senhor Capitão, estranho vosso discurso! A que proposito vem essa ousada declamação?

CAPITÃO.

Escutai : ainda não acabei. Foi Portugal invadido. Não se respeitárão os direitos sagrados do meu Principe, nem se consultou a vontade da Nação! Pergunto agora se vós mesmo não vos envergonhais de serdes hum dos Emmissarios, vós que não ha dezanove annos p omulgastes com os vossos Compatriotas á face dos Ceos e da terra os *Direitos do homem* no Campo de Marte! General, a Nação que tal praticou, e que consente depois que as suas Cohortes vão na alheia Patria atropellar os direitos mais sagrados, desmentindo assim quanto ella publicou, merece o desprezo de todas; e que tenha á testa o ignobil habitante daquella Ilha, a cujos Insulares os Romanos negárão os direitos de Cidadão.

MAURIN.

Senhor Capitão, moderai vossos transportes, lembrai-vos que insultais a França, e principalmente o meu Imperador, e que eu sendo General Francez não devo soffrer semelhante ousadia

CAPITÃO.

Escutai, ainda não acabei; se tivesse a tratar com vosco hum negocio proprio, usaria de outros termos, calaria muitas expressões; mas eu fallo pela boca da Nação, he forçoso tomar o tom, que lhe convém; esta nada receia, quando publica verdades; eu não devo temer vossa presença, quando a represento. Mas deixemos discursos sobre objectos, que melhor do que eu conheceis; devo declarar-vos qual seja o motivo de minha missão. Achais-vos Governador dos Algarves; temo-nos prestado a todos os sacrificios, que o nosso Principe nos recommendou, quando saudoso se apartou de seus fieis Vassallos: porque motivos somos nós continuamente vexados? Que plausivel razão assiste a cada Official do vosso Exercito para exigir de nós, além de huma hospitalidade xcessiva, contribuições forçadas em cada Villa, onde exercem algum commando? Finalmente, que Lei ou costume authoriza a barbaridade das vossas Tropas, que desenfréadamente atropellão todos os dias os direitos mais sagrados do homem? Roubos, violações, assassinios; eis o que elles commettem diariamente. Desejo saber, General, nem o coração me permite existir por mais tempo neste estado de dúvida, reputais vós como Escravos os Portuguezes, ou os julgais ainda homens? Como contemplais vós os habitantes do Algarve? Dizei.

MAURIN.

A paixão vos domina; não devo fazer caso de vossos transportes: aconselho-vos com tudo, que não passeis ávante. Devo punir todo o que se mostrar descontente do actual estado das coisas. Junot me puniria, se tal não fizesse; he necessario sujeitar-se por força, ou livremente á vontade do nosso Imperador; eu mesmo faço outro tanto.

CAPITÃO.

Sois Francez, e basta : quem se não atrevo a contrariar Bonaparte na França, seria cobarde, se viesse ao Algarve para lhe não obedecer ; deveis ser coherente ; esse he o caracter que vos convém. Eu porém sou Portuguez, outro que não tenha esse nome, não virá dictar-me Leis. Necessito de prompta resposta ao que vos propuz ; nem daqui sahirei sem primeiro alcaçar huma ordem vossa, para que sejam punidos exemplarmente todos os Francezes, que molestarem os Povos ; esta he a voz da Patria, e são os sentimentos de todos os meus Compatriotas. Se tal não fazeis, temei o exemplo de nossos vizinhos ; estes já principiárão a sacudir o jugo : os Portuguezes não são menos valorosos, nem desejão menos a sua liberdade. Creio que me tenho explicado...

MAURIN.

(Por quanto em outro tempo hum General Francez, e principalmente eu, consentiria semelhante ousadia ; mas agora he forcoso contemporizar, e muito principalmente com aquelles, que nos podem fazer todo o mal, e nenhum bem.) Torno a repetir-vos, perdôo vossos transportes ; e só vos accuso de me não tratardes com mais amizade : reconheço que as minhas Tropas alguns excessos terão commettido, mas isso he inevitavel nos Exercitos. Darei ordens restrictas para atalhar qualquer excesso ; e rogo-vos que tenhais maior confiança na minha pessoa, e melhor idéa do caracter Francez.

SCENA VII.

Ajudante , e os mesmos.

AJUDANTE. (*Inquieto; e olhando durante toda a Scena para o Capitão.*)

MEu General, cumpri vossas Ordens, fallei com as pessoas que vos disse. . . . Tenho algumas coisas interessantes a participar-vos. . . Sabereis que. . . Mas, Senhor, eu vos contarei tudo em particular.

CAPITÃO.

Conclui o negocio que me conduzia aqui: não vos quero ser importuno. Senhor General, o dito dito. (*Este Emigrado hypocrita, homem de duas caras, me he ainda mais insupportavel que os mesmos Francezes que nos opprimem.*)

MAURIN.

O Senhor Capitão póde ficar, talvez a sua presença nos seja necessaria. Senhor Ajudante, conte o que sabe. O Senhor Capitão merece toda a minha confiança.

AJUDANTE.

Sabei, meu General, que a rebellião já se estende até os Algarves!

MAURIN. (*Inquieto.*)

He possivel! Oh raiva! Onde he que nasceo essa hydra?

AJUDANTE.

Não mui longe de nós, e brevemente se estenderá até es:a Cidade.

MAURIN.

Aonde! Acabai, satisfazei minha inquietação.

C

AJUDANTE.

Em Olhão.

MAURIN.

Como! Em huma Povoação de pobres Pescadores! Costumados á miseria, escravos por natureza. Não posso acreditarlo.

AJUDANTE.

Não tem dúvida: hoje ao meio dia principiou.

MAURIN.

Conhece-se o Cabeça?

AJUDANTE.

Todos dizem que fôra hum Official Portuguez.

MAURIN.

Traidor! Pagará com a cabeça tamanha ousadia. E como contão que principiára?

AJUDANTE.

Dizem que sahindo da Missa, e vendo pregado na porta da Igreja o Edital do Excellenissimo Senhor Junot, em que convidava os Portuguezes a pegarem nas armas para se unirem aos Bravos de Marengo, e aprenderem com elles a vencer, arrancando o Edital exclamára diante do Povo, que sahia da Igreja. Os pérfidos quererem ensinar-nos a vencer! Já não ha Portuguezes; ou se os ha, unão-se a mim para mostrarmos aos cobardes como se vence. Que todos gritarão: *Somos Portuguezes, e queremos morrer, ou vencer.* Assim electrizados marcharão a buscar as Peças de Artilheria do Forte visinho, aprizionarão os Francezes; e acha-se Olhão fortificado, e em verdadeira Insurreição.

MAURIN.

Marchem de repente Tropas a subjugallos, seja arrazada, e saqueada: he necessario dar hum terrivel exemplo, para que as mais Povoações não fação outro tanto.

* 19 *

CAPITÃO.

Que vos dizia eu ha pouco! O que o meu coração sentia, experimentava o de todos ao mesmo tempo. Vêde como principia a manifestar-se....

MAURIN.

Vós mesmos principiais a ser-me suspeito; quem sabe se estais de intelligencia com os Rebeldes!

CAPITÃO.

Conheceis pouco os Portuguezes; se tal fosse, não estaria aqui, e toda a explicação comvosco seria lá no Campo da Batalha com a espada na mão.

MAURIN.

Senhor Ajudante, mande chamar depressa o Capitão Francez, Commandante da Artilheria.

AJUDANTE.

Vou cumprir vossas Ordens.

S C E N A VIII.

Maurin, e o Capitão Portuguez.

MAURIN.

EIs em fim acontecido o que ha bastante tempo receava: a maldita influencia Ingleza cedo, ou tarde havia de produzir os seus costumados effeitos. Maldita Nação! Quando deixarás tu de contrariar nossos Planos.

CAPITÃO.

Ignoro, Senhor General, por que Lógica a maior parte dos Francezes discorrem como vós; e que queirais por força que os Póvos não tenham estímulos de honra, patriotismo, e sentimentos proprios, e que sejam em ultima analyse puras má-

quinas, movidas por huma mão estranha! Se huma Nação a quem pertende s despojar parte dos seus Estados, vos declara Guerra, gritais logo, ou o vosso Imperador, contra a pérfida Inglaterra, que comprou os Gabinetes, e allucinou o Monarca. Se entrando n'outra Potencia debaixo da santa fé de Amizade e Tratados, vos apoderaís pela maior das perfidias do Governo, e sagradas Pessoas que reinavão, e querem depois os Póvos vingar se, gritais logo nas quatro partes do Mundo pelos vossos Monitores, e d'scursos Ministraes, contra a sempre pérfida Inglaterra, que com o seu Oiro assoprou de novo a discordia no Continente. De sorte que para commetter atrocidades, e os mais horrendos crimes, ninguem vos aconselha, e quem achareis vós, fóra de vós mesmos, que tal fizesse; para destruir, porém vossas maquinações, ju'gais que todos os Povos são pupillos, e de tal sorte escravos, que só a Inglaterra os possa aconselhar? Meu General, para que me cançarei em dizer-vos o que tambem, ou melhor do que eu conheceis.

MAURIN.

(He necessario contemporizar com este homem, unico que conheço em Faro, capaz de guiar qualquer empreza contra nós, e já se não posso corrompello, ao menos deverei adoçallo.) (*Alto.*) Nas actuaes circumstancias, Senhor Capitão, podeis ser muito util a nós, e aos vossos, fazendo com que os Póvos entrem nos seus deveres; e que me não veja na dura necessidade de fazer correr o sangue de vossos Compatriotas. Além de que vós sois Artilheiro, e necessito de vosso auxilio para cobrires a Retaguarda das Tropas, que brevemente mandarei sobre Olhão.

CAPITÃO.

Sou sincero, sou Portuguez : não irei pelas Ruas, ou Praças públicas prégar aos meus Compatriotas a revolta, mas espreitarei a opinião pública; e quando esta se declarar contra vós, serei o primeiro a unir-me á causa da minha Patria; quem vos falla assim, não he bom para semelhante expedição.

MAURIN.

He de absoluta necessidade que a Artilheria Portugueza cubra a Retaguarda desta expedição: rogo-vos que vos encarregueis das minhas Ordens: ninguem por ora aqui governa se não eu, exijo prompta obediencia.

CAPITÃO.

Vêde primeiro, Senhor, se outro se encarrega dessa Commissão; faltão-me o genio, e os talentos; são n'humas palavras expedições Francezas; e eu não fui á Escóla dos de Marengo !!! (*Entra o Ajudante.*) A Deos, Senhor General, ahí tendes o Senhor Ajudante, que me conhece muito bem, e que me não deixará mentir: elle vos designará igualmente a pessoa, que deverá substituir-me. (Querida Patria, creio que está chegado o momento de quebrar teus ferros, corramos onde a Providencia nos chama.)

SCENA IX.

Ajudante, Capitão Francez, e Maurin.

CAPITÃO FRANCEZ.

Que ordenais, meu General?

MAURIN.

He necessario quanto antes marchar com todas as Tropas de Artilheria e Infanteria sobre Olhão, para exterminar os revoltados.

AJUDANTE.

Se promptamente não corre o sangue, vereis todos os Algarves em breve sublevados: he necessario levar a essa córja de Pescadores os estragos, e a morte; e eu vos prometto os mais saudaveis effeitos. Conheço os Algarvenses, em elles vendo suas casas saqueadas, e abrazadas, mortos Páis, Esposas, e Filhos, vereis que submissos de toda a parte virão implorar vossa Clemencia.

CAPIT. FRANCEZ.

Perdoai, se não sou da mesma opinião, se esse systema tem provado bem; se Loyson attesta delle maravilhas; se eu mesmo quando estive na Suissa, e ultimamente em Ragusa, o vi coroar dos mais bellos successos, os ultimos acontecimentos de Madrid e Saragoça provão pelo contrario, que na Peninsula semelhantes tratamentos servem só de exasperar mais os Póvos. Cada Nação tem seu caracter: o *Soffrimento*, *Constancia*, e *Valor* parece ser o dos Habitantes do Ebro, Téjo, e Douro: o meu voto pois he, que usemos de meios brandos e doces; de resto nossas Tropas são poucas; os auxilios que poderíamos haver, mui distantes de nós; e finalmente

aqui para nós em segredo , eu temo muito e muito hum Desembarque Inglez.

AJUDANTE.

Se dais a conhecer vossa fraqueza, vereis tudo sublevado : as Tropas não são tão poucas como dizeis, e podem-se multiplicar sem novos reforços.

CAPIT. FRANCEZ.

Como ? Essa he nova para mim!

AJUDANTE.

Imitando o Ex^{mo} Sr. Duque de Abrantes, que mandava sahir de noite os Soldados para fóra de Lisboa, e os fazia entrar pela manhã, para fingir que erão novas Tropas, que chegavão de refresco.

CAPIT. FRANCEZ.

Essa *Táctica* já não chega a tempo; porque as que sahisses agora, não tornarião a entrar. Finalmente, o Senhor General he quem manda, e a nós cumpre-nos obedecer.

MAURIN.

Na crise actual he melhor mostrar fraqueza; do que ousadia; antes quero salvar a vida, do que arriscalla sem fructo. Marchai pois, Capitão, fazei vir á falla alguns dos Habitantes sublevados, propondo-lhes Condições de paz; e se não quizerem por bem arranjar-se, então marchai sobre a Villa, arrazai-a, se preciso fôr. E vós, meu Ajudante, mandai chamar hum Magistrado de Faro: quero que seja da Expedição, para o que preciso fallar-lhe antes.

CAPIT. FRANCEZ.

Senhor, temo que marchando as Tropas para fóra da Cidade, esta igualmente se subleve; e quem me guardará as costas?

MAURIN.

Senhor Ajudante, layrai huma Ordem para

que o segundo Capitão de Artilheria Portugueza se poste com a sua gente nas alturas da Cidade, e que tenha aqui a Artilheria assestada contra esta.

AJUDANTE.

Vou executar as vos as Ordens.

CAPIT. FRANCEZ.

Vou apromptar a minha gente, e cumprir o que me tendes ordenado. (*Sabem ambos.*)

SCENA X.

Maurin, e Florinda.

MAURIN.

Creio que são horas de tomar o remedio, que he impossivel me possa fazer bem: tal he o desarranjo, em que tenho toda a máquina! (*Toca a campainha.*) Ninguem apparece. (*Torna a tocar.*) He forte de graça; quando chamo, ninguem vem; e quando chegão, todos voltão costas de repente!

FLORINDA.

Que quer o Senhor Monsiur Governor?

MAURIN.

O meu remedio.

FLORINDA.

(O que me vale he, que o tal Francinote agaluardo, he *estoparado*, se não já tinha feito *vispure*. Assim mesmo não sei o que lhe acho, que quando estou só com elle, sempre sinto suores frios; que seria, se o tal menino tivesse boas digestões; creio que me darião accidentes.)

MAURIN.

Que demoras são essas? *Allons, allons, vite, Florinda.*

FLORINDA.

Ainda não tenho vinte, Senhor General. (A culpa he do Senhor Boticario, bem pudéra elle livrar-me destas passadas, dando-lhe certa dose de huma coisa, que eu cá sei, com que o adormecesse por huma vez.) (*Sabe.*)

MAURIN.

Doente, ameaçado de huma Inurreição; a perspectiva não he feia! Ah! Senhor Imperador, tomára vello nestes lances; mette-nos de dentro, e fica de fóra mui descansado! Se escapo desta, n'outra não me metto. O tal Senhor Napoleão, se achasse todos os Generaes com os meus sentimentos, em lugar de *omnipotente*, seria brevemente o homem mais impotente da terra. . . . Aquelle Capitão Portuguez, creio que a não fará limpa; porém eu não me atrevo a proceder contra elle: semelhante attentado seria o signal de outra revolta em Faro: basta-me a de Olhão. . . . Seja o que fór, alma grande; se a minha sorte for a de ficar prizioneiro, não será ainda tão má: Junot, talvez a julgue deslustrosa para as Armas Francezas; mas ou eu vejo pouco, ou elle não está longe de lhe acontecer outro tanto; e então quando elle for meu Collega, eu me justificarei.

FLORINDA. (*Trazendo o remedio.*)

Aqui tem, Senhor, o seu remedio. (*Bebe.*) (Está forte historia, quanto mais me aproximo para esta gente dos *futres*, mais o meu coração se desvia delles, e cresce na mesma razão a gana de os esganar; e isto nasce cá de dentro livremente sem me esforçar: eu creio que elles não são homens, como os outros homens, que tenho até aqui conhecido; porque se o fossem, a minha natureza havia de puxar-me para elles, em lugar de lhes fugir como o peixe foge da agua.)

MAURIN.

Está bom, Florinda; tu és huma bella Enfermeira; e tenho pena de ser doente, porque te havia de dar hum emprego mais digno da tua amabilidade. Com tudo, os remedios vão obrando, e cada vez me sinto com mais alentos.

FLORINDA.

Pois ainda não produzem o effeito que eu quizerá: tomára ver-vos em estado de não tornardes a adoecer.

MAURIN.

Muito obrigado, Florinda; creio que és a unica creatura entre os Portuguezes, que tal me desejas: os mais tomárão elles ver-me na sepultura.

FLORINDA.

Olhem como as coisas são; e eu julgava que o Boticario era o vosso maior amigo.

MAURIN.

Então porque?

FLORINDA. (*Vai-se affastando insensivelmente.*)

Porque ha muito tempo, que podéra ter-vos curado radicalmente.

MAURIN.

De que modo?

FLORINDA.

Cortando-vos pe'la raiz a vossa doença.

MAURIN.

Ainda não entendo.

FLORINDA.

Mandando-vos todo inteiro para o Cemiterio. (He o que eu digo, sem me sentir, cada vez mais me affasto delle, os taes *Monsiurs* não são homens.)

MAURIN.

E vós desejaveis tal, Florinda?

* 27 *

FLORINDA.

Quem? Eu cá nada! Mas como nessa noite estou certa, que toda a Cidade punha luminarias, por concomitancia, e para que não dissessem que era *Jacolina*, tambem havia de pôr as minhas. A Deos, Senhor General, tenho que fazer lá dentro. (*Vai-se.*)

S C E N A XI.

Ministro, e Maurin.

MINISTRO.

Senhor General, desejo vossas melhoras, e venho saber que pertendeis?

MAURIN.

Tenho necessidade do vosso Ministerio para fazer entrar na Ordem essa Povoação de miseraveis Pescadores, que se revoltou: quero mostrar-lhes que sei perdoar, quando os culpados sabem arrepende-se. Desejo por tanto que acompanheis o Official Francez encarregado dessa expedição: espero de vossas luzes, e interesse, que deveis ter em conservar o vosso emprego, que entreponhais todos os vossos bons Officios, e Authoridade para o bom exito dessa empreza.

MINISTRO.

Estou prompto para executar todas as Ordens, que couberem dentro da e féra do meu Ministerio; porém, Senhor, a missão de prégar aos Póvos obediencia ao Governo Francez, não entra no Regimento da nossa Ordenação do Reino: rogo-vos me queirais dispensar de semelhante empreza.

MAURIN.

Que outro me dêsse semelhante resposta, não a estranharia; porém vós que sois illuminado, que professais principios liberaes, tenho toda a razão de me admirar! Acaso ignoraís que brevemente o Codigo Napoleão será adoptado em Portugal; e que se o não tem sido até agora, he por estarmos á espera do legitimo Soberano; e que finalmente já não he em nome do Principe que vos abandonou, mas sim do Grande Napoleão, que vós administrais a Justiça!

MINISTRO.

He justamente porque possuo alguns conhecimentos, que não reconheço senão a minha Ordenação; dentro della pedi por boca, fóra della ahí tendes a Corregedoria, dai-a a alguns desses Precursores do Codigo Napoleão. Das montanhas de Monchique para cá, faz-se ainda a Justiça á Portugueza, vai-se á Missa á Portugueza, comem se guizados Portuguezes, e todos fallão Portuguez, como eu vos fallo: se assim vos não sirvo, mandai vir de França alguns Jurisperitos, e assentai-os no meu lugar, que eu com grande satisfação lho cederei.

AJUDANTE.

O Senhor não observa, que o nosso General assim como roga, póde brevemente mandar.

MINISTRO.

Quando elle o fizer, sei o que devo responder-lhe: não necessito de Ajudantes; sei que a sua profissão he de o ser em todos os partidos.

AJUDANTE.

Entendo o sarcasma, e a resposta eu lha déra; se não estivesse diante do meu General.

MINISTRO.

Estimo que me entenda; e ácerca da resposta; teremos tempo de fallar.

* 29 *

MAURIN.

Senhor Ministro, he forçoso que acompanhe o meu Official para lhe servir de interprete : assim o ordeno ; já deveria saber que quando hum General Francez roga , he porque pertende ser obedecido.

MINISTRO.

Torno a repetir-vos : das montanhas para cá , nunca foi esse o costume ; temos até aqui ignorado os estilos Francezes ; pôde bem ser que o tempo no-los faça conhecer ; e então eu , e os outros seremos mais exactos nas respostas. Com tudo , antes de partir , quizera que me dissesseis o que devo fazer.

MAURIN.

O meu Official vo-lo dirá.

MINISTRO.

A Deos , Senhor General. A Deos , Senhor Ajudante : não se esqueça da resposta. (*Sabe.*)

SCENA XII.

MAURIN, e o AJUDANTE.

MAURIN.

Tudo se conspira contra nós , nem hum só Portuguez encontramos , que queira seguir o nosso partido ! Não sei se outro tanto acontece aos meus collegas ; mas se elles não tem melhor prespectiva , não dou nada pela nossa existencia em Portugal.

AJUDANTE.

Socegai , bani receios mal fundados , e desterrai para sempre essas negras idas , que provêm mais da vossa doença , do que da realidade das coisas ; nós temos mil e seiscentos homens de boas , e aguerridas

Tropas; os Póvos estão inermes, não tem cabeças; o terror das armas Francezas tem-se apossado por toda a parte dos espiritos; tambem aqui tem chegado as pomposas descrpções militares de vossas victorias: por tanto não temais a miseravel sublevação de huma pobre aldeia de Pescadores. Já vos tenho, meu General, repetido infinitas vezes, que não tenho vivido nestes lugares sem ter analyzado a fundo o caracter de seus habitantes.

MAURIN.

A prudencia do bom General consiste em nunca confiar demaziado nas proprias forças, nem em contar por poucas as dos inimigos. Além de que apenas fallais de Olhão, e quem vos diz que as mais não fazem outro tanto? E que aquella pequena irrupção he já o principio do Vesuvio, que deve brevemente *vulcanizar* todo o Paiz. Finalmente o meu partido está tomado: vou cuidar em mandar fazer a mala, e pôr-me a coberto de toda a tormenta.

AJUDANTE.

Que dizeis Senhor? Estais brincando. Hum General feito por Napoleão póde discorrer seriamente dessa maneira? Dou-vos a palavra de Francez em como nada acontecerá. Eu mesmo quero ser da expedição: vereis que voltaremos depois de deixarmos reduzida a cinzas essa Povoação, e feito entrar no nada essa córja de Pescadores.

MAURIN.

Não consinto, não posso ficar só, sois-me necessario como de Barometro para me marcades, quando o tempo torna á tormenta; porque como vos disse quero pôr-me a salvo; sou doente sim, mas ainda gosto de viver.

AJUDANTE.

Não serei da expedição, já se assim o exigis; po-

rém tenho sómente a observar-vos que o Capitão de Artilheria Portuguez, que se encarregou de cobrir a retaguarda Franceza, fez todos os esforços para se escusar: indício certo de que acceitou o commando contra vontade; e que por consequente pede a cautéla que eu vá pelo menos observar se elle se posta no sitio que lhe ordenei.

MAURIN.

Lembraes bem, he justo, ide; mas rogo-vos que não vos demoreis: sois o meu Barometro.

ACTO II.

O Theatro representa a habitação do primeiro Capitão Portuguez.

SCENA I.

O primeiro CAPITÃO Portuguez.

CAPITÃO.

Santo amor da Patria, quanto pódes no coração dos humanos! Tu foste quem abrazou o peito dos Themistocles, Leonidas, Fabios, Scipiões, e de tantos Heroes Portuguezes, de quem temos a gloria de descender. Infelices aquelles, que teu ardente fogo não devora; semelhantes a essas plantas exóticas a quem o solo recusa a vegetação, vós viveis entre nós sem gozar da doce influencia do clima da Patria. Querida Patria, ha quasi sete mezes que gemes entre os ferros: he tempo de correr ás armas para libertar-te.

Os pérfidos oppressores nos indicão o caminho , e sua cobardia nos assegura a victoria. Em Faro apenas ficarão algumas guardas , elles mesmos armarão os nossos para os combatermos : e qual será o Official , ou Soldado Portuguez , que se não preste voluntario para salvar a Patria ! Corramos a sondar o espirito dos habitantes desta Cidade ; o momento he precioso , e os animos achão-se dispostos. (*Cuem-se vozes confusas , que dizem : Morraõ os Francezes : Viva o nosso PRINCIPE REGENTE.*) Mas que escuto ! Não me engano , lá ouço dizer na rua : “*Morraõ os Francezes.*” Lá dizem : “*Viva o PRINCIPE REGENTE.*” Não tem dúvida , he a voz da Patria , que chama seus filhos ; voemos a salvalla , ou a morrer. (*Péga na espada , e sabe precipitadamente , e encontra Julieta , e Florinda.*)

SCENA II.

JULIETA, FLORINDA, e o mesmo.

CAPITÃO.

Que acontecimento imprevisto vos conduz á minha habitação ? Querida Julieta !

JULIETA.

Procuo salvar a vida , onde mora a virtude ! Venho implorar a protecção do meu amante.

CAPITÃO.

Quem vos persegue , dizei ?

JULIETA.

Tumultos populares se encaminhavão para a porta do Governador : temi que confundida com o crime fosse punida como culpada.

CAPITÃO.

Logo he verdade que os Habitantes de Faro se levantão em massa para expulsar o inimigo ?

FLORINDA.

He mais que certo ! Não se ouve dizer em todas as bocas senão : «Viva o PRINCIPE REGENTE, » morrão os Francezes. » E he tanta a gente já pelas ruas , que não sei como aqui chegámos sem sermos apercebidas.

CAPITÃO.

Nada recieis , querida Julieta : confio muito na generosidade de meus Compatriotas ; estou certo que não vos confundirão com os nossos oppressores : recolhei-vos á vossa casa : a Patria me chama , estão em primeiro lugar os deveres de Cidadão , do que os do Amante.

JULIETA.

E pertendeis que volte para casa ? Consultastes por ventura o coração para tal me aconselhades ?

CAPITÃO.

He a razão que me dicta este procedimento. Desejareis vós que o vosso Amante até aqui reputado por seus Concidadãos como verdadeiro Patriota , fosse agora considerado como traidor ?

JULIETA.

Tal não quizera á custa da propria reputação , e vida.

CAPITÃO.

Pois bem , escolhei : se ficais , o Povo , que nos transportes do seu furor não consulta a razão , mas sim o seu resentimento , sabendo que vos acolhi em minha casa , me suspeitará de Partidista Francez ; se vos ides , o vosso Amante , puro como o astro do dia , será para este mesmo povo o seu Heroe , e então poderá fazer-lhe escutar a verdade.

E

JULIETA.

Sim, irei para casa: o meu Amante assim o exige, e elle não seria digno de mim, se não nutrisse no peito tão nobres sentimentos.

CAPITÃO.

Seguir-vos-hei de perto para vos livrar, se necessario for, de todo e qualquer insulto.

JULIETA.

Vamos. (*Vão-se.*)

SCENA III.

O Theatro representa hum Campo.

CAPITÃO, e TENENTE *Francezes*, *commandando as Tropas.*

CAPITÃO.

VAlorosos Soldados Francezes, annunciar-vos hum combate, he publicar huma victoria: os vencedores da Europa não vierão a Portugal para jazer n' huma triste apathia, e muito menos para murcharem seus louros. O nosso General me ordena que vos guie ao campo da gloria. Marcharemos contra aquella miseravel Povoação, que além vêdes, cujos Habitantes ousarão desconhecer o irresistivel poder de nossas baionetas, e omnipotencia de nosso Imperador. Era com a morte que deverião pagar tamanha affonta; mas a bondade do nosso General he tão grande, que me ordena haja de usar primeiro com elles de meios brandos; e que no caso de não quererem entrar na ordem, ponha á vossa disposição a vida, e bens de seus Habitantes: podereis então saquear, metralhar, fuzilar, e violar á vossa vontade.

* 35 *

SOLDADOS.

(Mostrando-se descontentes.) Point de grace.

TENENTE.

Perdoai que vos observe, Capitão, em nome dos Soldados da Legião do Meio dia, que a bondade do General he contraria ás nossas Leis Militares: estas nos ordenão, com penas rigorosas, de ex'stirmos sempre em estado de perfeita guerra fóra da França, e muito mais quando os povos se revoltão: o caso de Olhão he caso de saque, que se acha bem expresso noCodigo Militar no §. 2. Capitulo 5, do Titulo dos *Direitos do saque, sua duração, e maneira de partilhas*. Contra as Leis de Napoleão não podem Generaes: requeiro por tanto a plena execução do dito §.

CAPITÃO.

Toda a Lei soffre excepções, e se deve interpretar segundo o espirito do Legislador: tranquillizai-vos, que se o mesmo nosso Imperador aqui estivesse, daria as mesmas ordens. De resto o saque sempre está cahido; porque se a Povoação se sujeita por bem, huma Contribuição forçada nos fornecerá o seu producto em especie: se pelo contrario se recusa, iremos recebello em genero: com que, de toda a sorte o §. dos *Saques* terá o seu inteiro complemento: eu não menos do que vós interesse em que se administre a justiça militar conforme o espirito de Napoleão.

SOLDADOS.

Allons sacager; saque, saque, toujours saque.

CAPITÃO.

Socegai: cada hum de vós tem seguros sobre minha cabeça por esta expedição tres Napoleões d'ouro.

SOLDADOS.

Allons, marchons á la gloire, vive P' argent.

E ii

CAPITÃO.

Vive l'Empereur.

SOLDADOS.

Vive l'argent, e l'Empereur.

CAPITÃO.

Armes en repoz, marche. (Vão-se.)

SCENA IV.

O segundo CAPITÃO de Artilheria Portuguez com as Tropas, que fazem gestos de não estarem contentes.

CAPITÃO.

ALto. Eis-nos chegados ao sitio, em que devemos postar-nos. Não he necessario com perguntas sondar vossos corações: assás leio no semblante de cada qual quanto se passa dentro de sua alma. Soldados Portuguezes, fazei justiça ao vosso Commandante: foi a tyrannia que me nomeou, e a força quem me arrancou do quartel para vos commandar. Para longe a negra suspeita de que vos conduzo, para serdes algozes de nossos Concidadãos: aquelle que primeiro me escutar a voz de lhes fazer fogo, volte a peça contra mim: deixei de ser Portuguez nesse momento, e mereço a morte.

SCENA V.

AJUDANTE, e os mesmos.

AJUDANTE. (*Apressado.*)

Capitão, que fazeis? Porque não mandais assentar a artilheria contra a Cidade? Toda a demora he hum delicto, por ser contraria ás ordens que vos dei.

CAPITÃO.

Ainda não posso acreditar! Pois devéras, senhor Ajudante, he de Faro que temeis os inimigos? E mandais que eu, e os meus Soldados se armem contra elles! He possível que tenhais vivido entre nós tantos annos! Como podeis ignorar que nós todos deixamos em Faro Pais, Esposas, e Filhos! Na verdade pareceis ter desembarcado neste instante em direitura de Paris, ou S.^t Cloud.

AJUDANTE.

Não fallaveis com tanta liberdade ao principio: he só depois que a Hespanha se insurgio que os senhores Portuguezes vão levantando a voz: mas que temão a cólera de Napoleão, ou de azedarem a doçura do mellifluo Junot; porque então correrá o sangue por torrentes do Norte ao Sul, e do Nascente ao Poente de Portugal.

CAPITÃO.

Não me he applicavel o que dizeis: tanto antes, como depois da vinda dos vossos semelhantes, nunca mudei de tom, fallo ainda o mesmo Portuguez. He pelo contrario na vossa pessoa que tenho observado huma differença bem notavel! Tendes-vos tornado depois que elles vierão de huma insolencia insupportavel. Acaso pertendeis pagar os beneficios, que ten-

des recebido da Nação Portugueza , mostrando-lhe que sois Francez moderno ?

AJUDANTE.

Cumpris as ordens que vos dei , senão

CAPITÃO.

Senão o que ? Infeliz , queres ficar aqui sepultado ? Não reparas que posso ao mais leve aceno Olha , olha para esses Soldados , vê como no semblante de cada hum está pintada a tua morte !

AJUDANTE. (*Mais brando*.)

Cumpris , ou não cumpris as ordens ? Necessito de huma resposta decisiva para com ella satisfazer ao nosso General.

CAPITÃO.

He contra Faro que pertendeis que volte a artilheria ? Eu vos satisfaço : não he a posição que indica a vontade do Commandante. O' lá , Soldados , virai a artilheria contra a Cidade. (*Entrão com a artilheria para dentro da parte esquerda.*)

AJUDANTE.

Agora sim , estou satisfeito : lembrai-vos que desta expedição depende a vossa fortuna : o General de Artilheria Mr. Taviel occupa-se actualmente em organizar a artilheria Portugueza : nas vossas mãos está subirdes de posto : podereis contar com a protecção do nosso General.

CAPITÃO.

Quero morrer Capitão , não sou ambicioso ; guardai a vossa protecção para quem a merecer : a minha consciencia accusa-me que não sou digno : não quero tirar póstos ao merecimento.

AJUDANTE.

Vou descansado para Faro , confio na vossa probidade , e conhecimentos : a Deos , senhor Capitão. (*Safa daqui , que estive em risco de perder a vida ;*

principio já a desconfiar dos taes senhores Portuguezes: parece que se fallarão todos para me mostrarem má cara: approvo o projecto do General, e vou tambem cuidar na mala: parece-me que o meu reinado acabou.) (*Sabe.*)

SCENA VI.

O segundo CAPITÃO Portuguez só.

CAPITÃO.

INfame Ajudante! Eis como pagas os beneficios, que tens recebido dos Algarvenses. Se neste mundo os crimes são punidos, o castigo dos teus não póde tardar. Mas examinemos per hum pouco o que se passa á roda de mim: cada vez observo mais a terrivel situação em que me vejo. Os Francezes são ainda poderosos, e os Habitantes de Olhão insufficientes para os arrostarem: se não se pacificão, podem os tigres fazer correr o sangue; e então os meus Compatriotas me darão o nome odioso de traidor: que farei nesta collisão? (*Pensa.*) Toda a preplexidade hé fraqueza.... Sim, o meu partido está abraçado. O som do primeiro tiro será o sinal da minha retirada, para unir-me aos meus Concidadãos; e o espirito de que os achar animados, regulará a minha conducta. (*Quer entrar para dentro, e encontra hum homem.*)

S C E N A VII.

O CAPITÃO, e hum HOMEM de Faro.

HOMEM.

HE possível, Capitão, que estejais vivo, ou he a vossa sombra que representa a vossa caratula: dissei, fallai? Se sois alma do outro mundo, eu vos requieiro *em nomine patres*.

CAPITÃO.

Que quereis dizer com isso? Explicai-vos.

HOMEM.

Fallo, ou não fallo com o senhor Capitão? Com o nosso *Frazão*, com o que vai ser nosso *Gene*.... irra, que me hia fugindo a lingua, e com todos os diabos, eu quero ver como se hão de amanhar desta vez os taes *camizollas*: só eu á minha parte quero que me caibão *cincoenta e cinco*, com que disse já lá em casa á nossa santa companheira, que havemos de fazer *cincoenta e cinco odres*, tres *rebecas*, seis *lençoes*, hum *aventall*, fóra o *panno* que hade crescer para mangas.

CAPITÃO.

Explicai-vos. Que vindes a dizer com toda essa *Ladainha*?

HOMEM.

He que correo por lá não ha meia hora, qual meia hora, nem hum quarto, porque eu vim pelos *ares*, que o nosso Capitão *Frazão* tinha sido morto pelos *Futres*, por não querer acompanhallos contra os nossos; e vai então, nós todos, vós conheceis os *Algarvios*, que quando fallão no diabo, he porque tudo ha de ir com o Senhor de todos os diabos; entra-

* 41 *

mos todos a ajuntar-nos, e brevemente ouvireis fallar de nós. Não vos digo mais nada, meu *Frazão*, só vos dou a alegre noticia, visto que ainda viveis, que estais nomeado nosso Gene... Sim, sim, Capitão, ouvireis fallar de nós: não vos digo mais nada: corro n'um salto a dizer que não vos espicharão, e que estais como hum pero. A Deos. (*Vai-se.*)

CAPITÃO.

Vinde cá, dizei-me primeiro o que tudo isso significa.

HOMEM.

A Deos General, ouvireis fallar de nós: rezai-lhe pela alma, era huma vez hum Francez.

S C E N A VIII.

O CAPITÃO só.

CAPITÃO.

Que significará tudo isto! Não tem dúvida, Fairo imitou Olhão. Oh! se a fortuna tal quizesse. Deos, que vigiais lá de cima sobre os mortaes, favorecei nossa causa, ella he vossa, e de toda a humanidade. Querida Patria, recebe os ardentes desejos, que tenho de salvar-te. Vou subir áquelle alto para examinar o que se passa em Faro.

F

SCENA IX.

O Theatro representa o campo chamado *Virgilius* ;
com algumas casas de Quinta.

Tropas Francezas com as armas ençarilhadas,
CAPITÃO, e TENENTE Francezes, e o
MINISTRO.

CAPITÃO FRANC.

Creio que não será necessario por ora avançar-
mos mais ; daqui descobrimos toda a Povoação , e po-
demos fazer vir á falla alguns Habitantes para tratar-
mos com elles. (*Durante esta falla, hum Soldado*
vem á Scena carregado de objectos furtados: todos
os Camaradas o rodeião: o Ministro observa, e pre-
para-se para fallar ao Capitão.)

TENENTE.

Parece-me que estamos ainda mui distantes para
começarmos as nossas operações militares.

CAPIT. FRANC.

Não tem dúvida , gôsto deste sitio , acho-o *pin-*
turesco. Senhor Ministro , mande vir daquella casa
vizinha meza, e cadeiras.

MINISTRO.

Não será necessario ; como os vossos Soldados
se encarregarão de lhe mudar os trastes , brevemente
trarão mezas, e cadeiras. Senhor Capitão , quei-
ra reprimir, e castigar os seus Soldados : veja que
andão saqueando todas as casas vizinhas.

CAPIT. FRANC.

São rapazes , querem divertir-se : a idade os emen-
dará : elles chegarão á nossa , Senhor Ministro ! (*Es-*

te vai mandar buscar a meza, e cadeiras.) Senhor Tenente, observe com o oculo o estado de fortificação, e gente que guarnece a Villa revoltada.

TENENTE. (*Avança-se, e mette o oculo por entre os bastidores.*)

Lá descubro duas peças de artilheria de grosso calibre, assestadas nas duas bocas das ruas, que conduzem para aqui, servidas por alguns Artilheiros: immenso povo apinhado nasditas ruas: lá vejo tremular sobre a torre da Igreja a Bandeira Portugueza, como igualmente cabeças, que examinão os nossos movimentos. Ou! lá correm pelas ruas, e se dirigem para onde estão as peças, não poucos homens vestidos de vermelho, e não usão de chapéo; pelo contrario todos lhos tirão.

CAPIT. FRANC. (*Assustado.*)

Como ... Em ... Vestidos de vermelho? Vêde bem não seja illusão procedida do reflexo da luz. Vestidos de vermelho, *Futre*, que maldita côr!

TENENTE.

Qual illusão, nem meia illusão! São vestidos de vermelho, e bem escarlata, não tem dúvida.

CAPITÃO F. (*Cada vez mais assustado.*)
Soldados, *aux armes*. . . .

TENENTE.

Que fazeis? Ninguem sahe da Villa, tudo está tranquillo.

CAPIT. FRANC.

E os vestidos de vermelho tem abotoadura branca, e bolça no cabello; movem-se ou que direcção tomão elles ... são em grande numero Fallão Portuguez, ou que fazem ...

TENENTE. (*Que não ouvio.*)

Lá vem ...

CAPIT. FRANC.

Aux armes, aux armes, enimi, enimi, Anglais. (Tocão o rufo.)

TENENTE.

Para que he tanta bulha! Disse-vos que vem; mas he hum pobre homem que conduz pela rédea o seu burrinho.

CAPIT. FRANC. (*Mais tranquillo.*)

Dar-se-ha caso que tenham desembarcado! Deixallos vir, nós cá estamos: Senhor Ministro, faça-me a graça de ver se são elles, ou não: vós tendes delles melhor conhecimento do que eu, porque sempre me virão pelas costas, e nunca tive a honra de os vêr de perto.

MINISTRO. (*Recusando o óculo.*)

Pois o Senhor Capitão he tambem dos que se assustão sem haver de que! Tranquillizem-se, Senhores.

CAPIT. FRANC.

Vio os vestidos de vermelho? Ainda lá estão?

MINISTRO.

Ainda: Então isso que tem. Ou entrão as côres por alguma coisa na Tática Franceza? Fogem acaso as ballas da côr vermelha?

CAPIT. FRANC.

He que eu tenho huma particular zanguinha com essa côr depois que fui ao Egypto.

MINISTRO.

Pois, Senhor, socegue: que esses homens encarnados, que se observão daqui, são Irmãos dos de côr castanha, café, e azulados; com a differença que os primeiros pertencem a certa Irmandade, que eu desejará vêr ao fundo da escada de todos os Francezes que cá vierão.

CAPIT. FRANC.

Está bom, está bom; que fossem ou não fossem era o mesmo: os Bravos de Marengo estavam aqui para os receber. (De que tal escapei! Se erão os taes Senhores Inglezes, bem podia preparar-me para huma viagem maritima.) Senhor Tenente, observe bem toda a circumferencia da Povoação, veja se lhe entrão alguns reforços por mar, e por terra.

TENENTE. (*Depois de ter examinado por alguns momentos, entra a tremer.*)

Lá vejo... Sim, descubro.... não tem dúvida, não he illusão... São elles.

CAPIT. FRANC. (*Assustado.*)

Quem, quem.... os malditos de vermelho.... A quanta distancia de nós?

TENENTE. (*Continuando a tremer.*)

Quaes vermelhos! Peior que isso... e vem direitos a nós como hum raio... Como correm... Já conto dez...

CAPIT. FRANC. (*Tremendo.*)

Dez Batalhões?...

TENENTE.

Tres, são de tres pontes... Lá conto trinta e tantas por banda...

CAPIT. FRANC.

Quem? Trinta e tantas peças de Campanha!... Soldados, bravos de Marengo... Vencer, ou morrer: Viva o nosso Imperador.

TENENTE.

Lá descubro mais... *Grand Dieu*, que azafama, tudo está coalhado... Senhor Capitão, venha vêr... Estamos bem servidos, para cá trazem o rumo.

CAPIT. FRANC. (*Aproxima-se tremendo, e agarra-se ao Tenente para ver pelo oculo.*)

Deixai ver, que eu digo o que he. (*Olha pelo oculo.*) *Sacre non de Dieu, nous sommes perdus... Anglais, Anglais débarqués: aux armes...* Já conto mais de duas duzias de Navios, muitas Fragatas, immensos transportes. Soldados, não desanimeis. Eu vos farei pagar bem caro semelhante ousadia: ainda não se querem desenganar. *J'y vais, attendez, attendez.*

MINISTRO. (*A parte, e rindo.*)

He impossivel não rir, presenciando semelhante Scena; e estes he que são os vencedores do Continente! Que se assustão de côres, e talvez de alguns barcos de Pesca. . . (*Aproxima-se.*)

CAPIT. FRANC.

Senhor Ministro, chegue-se, não tenha medo: nós estamos aqui para o defender. Venha vêr huma Esquadra forte Ingleza, que pertende fazer hum desembarque defronte de nós: ora veja, não tenha susto, nós aqui estamos para proteger este Paiz de toda e qualquer invasão Ingleza; para que nos mandou cá nosso *Amo*?

MINISTRO.

Oh! Sem duvida sei o que devo esperar da vossa protecção... Vejamos tambem: não preciso de óculo, vejo mais longe que o meu nariz. He verdade; lá vejo... Não he Esquadra forte, he sim forte Esquadra! Tem tres pontas, e póde ter trinta e cinco por banda. (*Rí.*)

CAPIT. FRANC.

De que rides, acaso gostais que elles desembarquem? Tambem vós quereis ser insurgente, e Inglomano.

MINISTRO.

Não rio, nem do Senhor Capitão, nem dos Navios e Fragatas, mas sim do Maganão, que lhe vendeo de proposito esse Microscópio por óculo de vêr ao longe, para que tomassem por huma Esquadra forte as simples barcas dos pobres Pescadores: o tal Maganão era curioso de vidros! Já cá o comprou em Faro, Senhor Capitão?

CAPIT. FRANC. (*Já mais tranquillo.*)

O que dizeis, he verdade? Assegurais-me que são Barcas pescatorias?

MINISTRO.

Sim, asseguro-vos.

TENENTE.

Sacre bougre: em como as comi por Navios e Fragatas; e ainda não estou de tudo inteirado.

CAPIT. FRANC.

Ventrebleu, em como ainda não estou em mim, não por medo, longe de nós tão aleivosa idéa, mas pela desgraça, em que hião mergulhar-se os pobres Habitantes dos Algarves: se nos vissemos obrigados a combater os Inglezes, tudo ficaria assolado: não tornavão haver mais figos.

MINISTRO.

Senhor Capitão, não ignorais que administro Justiça, e que podem estar á minha espera as Partes.

CAPIT. FRANC.

Senhor Tenente, puxe pelo lenço, e assene aos de Olhão para ver se algum chega á falla....

TENENTE. (*Vai fazer signaes.*)

Lá se avanção alguns.

CAPIT. FRANC.

Vem armados?

TENENTE.

São coisa de huma duzia.

CAPIT. FRANC.

Estenda bem esse lenço ; não vão elles cuidar que he outra coisa , como ha pouco nos aconteeço.

TENENTE.

Lá se destacão tres.

CAPIT. FRANC.

Como vem elles vestidos ?

TENENTE.

Côr escura.

CAPIT. FRANC.

Pódem vir. Assenai sempre. Ora , Senhor Ministro , he chegada a occasião de nos prestar os seus bons officios , servindo-nos de Interprete no Armistício , ou Paz , que vamos tratar com os Habitantes de Olhão.

MINISTRO.

Não posso accreditar que os Francezes se abaxem a ponto de quererem tratar Diplomaticamente com huma pobre Povoação de Pescadores : que dirão vossos inimigos ; e o mesmo Napoleão como ficará , quando tal souber : vós tendes outras intenções sem dúvida : rogo-vos que me declareis quaes são , para regular por ellas a minha conducta.

CAPIT. FRANC.

E podeis vós fazer semelhante pergunta a hum Official Francez ? Quando deixou elle de ter boa fé ? Não tendes vós visto como nos temos comportado até agora.

TENENTE.

Ahi chegão os Plenipotenciarios enviados pela Potencia inimiga.

S C E N A X.

Os mesmos, Charroco, Amaro, e Marianna.

CHARROCO.

Qual dos Senhores he o General em Chefe da expedição Franceza?

TENENTE. (*Mostrando o Capitão.*)

He aquelle Senhor.

CHARROCO.

Então que nos quer a sua pessoa? Aqui estamos Representantes de toda aquelle Povoação: temos paz, ou temos guerra?

MARIANNA. (*Puchando-lhe pelas abas.*)

Então assim he que fallas? Deixa-me responder-lhe: estou morta por lhe arrumar quatro juras de lhe pôrem os queixos á banda.

AMARO.

Irmã, deixa fallar o teu Charroco, que sempre he homem que foi sete annos Algarvio no Téjo.

CAPIT. FRANC.

Desejo saber antes que a força do nosso poder cahia sobre vós, quaes forão os motivos que vos obrigarão á Revolta, e Insurreição?

CHARROCO

Não entendo cá nada de *Revoltamentos*, nem de *Resurreições*: o que sei dizer-vos he, que nem eu, nem todos os Habitantes daquella pequena Villa acolá não tememos vossa força, nem ameaços.

MINISTRO.

O Senhor Commandante pergunta-vos, por que razão tendes pegado em armas, e não quereis que os Francezes vos governem?

G

CHARROCO.

Agora já entendo , isso he que se chama fallar Portuguez. (*Para o Ministro.*) E o Senhor Ministro tambem he cá da tal Sucia? He Jacobino?

MINISTRO.

Eu sou Portuguez.

MARIANNA.

Charroquinho , deixa-me fallar , se não estoiro. Commandante , eu vos digo os motivos.

CHARROCO.

Marianna , não me estorves , repara que represento a nossa Gente , e que tu és meu Ajudante de Ordens.

MARIANNA.

E mais alguma coisa , não he assim?

CHARROCO.

Amores não são para tempo de Guerra , guardemos isso para a Paz geral.

CAPIT. FRANC.

Dizei , por que motivo pegastes em armas?

CHARROCO.

Primeiramente porque tinhamos mãos , e alma para lhe dar uso ; em segundo lugar , porque não faziamos mal a ninguem , viviamos cá neste calcanhar do Mundo da nossa agencia ; em terceiro lugar , porque sempre foi livre entre nós de Pais a filhos podermos pescar. E para deixarmos satisfações , peguemos nar Armas , porque quizemos.

CAPIT. FRANC.

Mas quem vos fez mal?

MARIANNA.

Ora soffrão semelhante pergunta ! Deixa-me fallar com todos os Diabos.

CHARROCO. (*Mandando-a calar.*)

Sabeis vós o que significa Olhão em Portuguez?

* 51 *

CAPIT. FRANC.

Não.

CHARROCO.

Pois eu vo-lo explico ; quer dizer coisa que olha muito : ora quem olha muito , não vê pouco : quem não vê pouco , não he tolo : nós somos da Terra dos que olhão muito ; tirai-lhe agora a consequencia , e eis-ahi tendes a resposta.

CAPIT. FRANC.

Se o meu General vos prohibio de pescar , não foi por mal , mas para que vos não communicasseis com a Esquadra Ingleza , que deseja a vossa perdição.

CHARROCO.

A nós não nos importa quem nos deseja mal , mas sim quem no-lo faz.

CAPIT. FRANC.

Ignorais por ventura que por força , ou por bem haviéis de fazer o que os Francezes vos mandassem ? creio que não conheceis ainda bem os seus poderes.

CHARROCO.

Se todos são como os que tenho visto , são fortes papões ! Nossas mulheres , e crianças nem sequer tem medo delles.

MARIANNA.

Que me lancem dois , e veremos : creio que já sabem como eu mordo.

AMARO.

Meia duzia para mim he bagatella.

TENENTE. (*Quer tirar a espada.*)

Que dizeis , atrevidos : olhai que

CHARROCO.

Olhe não a constipe , abafe-a na bainha , e lembre-se que cá nós representámos aquella Potencia , que além vê : os Embaixadores sempre forão pessoas sagradas : veja primeiro o que faz.

G ii

CAPIT. FRANC.

Tenente, moderai os transportes: se as coisas não forem a bem, teremos tempo de nos vingar.

TENENTE.

Havemos nós outros vencedores de Marengo, Austerlitz, Jena, e Frideland soffrer que diante de nós se atreva alguém a soltar semelhantes palavras; e sobretudo huma miseravel paizanada

CHARROCO.

Eu cá não conheço *Maranbas*, nem *Marinbas*, *Sterliques*, ou *Sterloques*, *Hellenas*, ou *Forros de Hollanda*: o que sei he que represento coisa de tres mil Habitantes, que sem destinação de Saia, ou Calção, de Velho, ou Rapaz, todos estão anciosos de guerrear com esses vencedores de que fallais, fossem elles d'além do Inferno tres legoas; e como vejo que quereis guerra, a Deos, que nos vamos embora; e se vos atreveis, vinde-nos fazer huma visita. (*Querem ir-se.*)

MINISTRO.

Esperai, eu vo-lo rogo. O Senhor Commandante quer fazer-vos certas proposições de paz: creio que em todo o caso he melhor levar as coisas por bem.

MARIANNA.

Temos feito estomago para tudo; e o meu voto he de Guerra sem quartel. Se eu tenho hum prazer nunca visto, quando faço prisioneiro algum Soldado Francez; só o gostinho de os vêr ficar com a boca aberta, quando sabem que fora huma mulher que lhe lançára o gadanho!

CAPIT. FRANC.

Quem? Tu, huma mulher!

TENENTE. (*Approxima se.*)

Huma mulher! Vejamos.

MARIANNA. (*Affastando-se.*)

De vagar, de vagar lá com isso. Conservem-se as respectivas distancias, que devem existir entre huma mulher Portugueza, e hum Soldado Francez.

CHARROCO.

Estamos promptos para entrarmos em negociações; com tanto que seja debaixo destas duas bases; primeira, que a paz seja decorosa para o nome Portuguez: segunda, que fiquemos como d'antes estavamos, antes dos Francezes entrarem em Portugal: fora d'isto não trago poderes para entrar em ajustes.

CAPIT. FRANC.

Primeiro que tudo, dizei-me, quem foi que vos instigou para a Revolução.

CHARROCO.

E elle a dar-lhe com os nomes estrangeirados, e Francezes: fallai-me Portuguez, se quereis que vos entenda.

MINISTRO.

Pergunta-vos se houve alguém d'entre vós, que vos aconselhasse para pegardes nas armas.

CHARROCO.

Ninguem nos aconselhou: apenas houve hum que nos lembrou que fizessemos o que não esquecia a ninguem: logo que este fallou, tudo se levantou, e pegou nas armas.

MARIANNA.

Eu que o diga, que no mesmo instante vim a casa vestir-me como vedes, e marchei a incorporar-me aos mais: conta tu, Irmão, o que eu fiz.

AMARO.

Não he nada: cá o tal Senhor, minha Irmã, teve a bazofia de desafiar hum Dragão Francez, desmontallo, e trazello prisioneiro para a Villa,

CAPIT. FRANC. (*Para Charroco.*)

E como se chama esse homem, que primeiro vos fallou?

CHARROCO.

He bem conhecido, foi hum Militar Portuguez.

CAPIT. FRANC.

(He o mesmo que nos tinham dito.) E que feito he delle?

AMARO.

Foi para a Esquadra Ingleza.

CAPIT. E TENENTE.

Para a Esquadra Ingleza! E nós sem o sabermos.

MARIANNA.

Porque! Querieis escrever para lá.

CHARROCO.

E partio esta manhã.

CAPIT. FRANC.

E essa Esquadra onde está?

CHARROCO.

Onde carrega.

CAPIT. FRANC.

He necessario mandar a toda a pressa hum barco em cata delle, que já não he necessario que tudo está composto...

CHARROCO.

Como eu nada vejo composto, mandai vós, ou componde lá isso á vossa maneira.

CAPIT. FRANC.

E sabeis, por que foi lá?

CHARROCO.

Por que teve vontade; e não tem medo da agua salgada, como os vencedores de Sterloques.

CAPIT. FRANC.

(Que funesto, e improviso golpe: he necessario fazer paz, quanto antes, para obstartmos ao des-

* 55 *

embarque dos Inglezes.) Tratemos pois de arranjar-nos, sa bamos o que pertendeis: discorrei bem primeiro nos Artigos.....

CHARROCO.

Não tenho que discorrer, o meu Secretario ali traz por inteiro os Capitulos, que o dito Militar nós deixou, antes de partir para a Esquadra, recommen-dando-nos, que senão estivésseis por elles, nos defendessemos a todo o pano até á sua volta.

AMARO.

Ei-los, meu Embaixador. (*Dá-lhe o papel.*)

MARIANNA.

Se quereis que o vosso Ajudante de Ordens os leia ?

CHARROCO.

Isso pertence-me : eu os leio : escute, Senhor Commandante em Chefe das Tropas expedicionarias contra Olhão. « Tratado de Paz Geral, e Definitiva » entre os Habitantes de Olhão e Bonaparte, dito » Imperador dos Francezes, feito pelo Orgão dos » respectivos Plenipotenciarios. Artigo I. Haverá » Paz entre os Habitantes da Villa de Olhão, e » Tropas Francezas existentes, e outras quaesquer » que para o futuro possam invadir os Algarves por » mar, e por terra. Artigo II. Será livre aos Ha- » bitantes da dita Villa pescar como d'antes, e fa- » zer tudo o que fazião seus antepassados, sem que » os Francezes possam fazer das suas costumadas re- » clamações. Artigo III. Nenhum Francez Militar, » ou outro, ou Jacob no de qualquer Nação que » seja, mesmo Portuguez, poderá aproximar se da » dita Villa, para dentro de meia legoa. Artigo » IV. Tremulará nas Torres de Olhão a Bandeira » Portugueza, ainda que na de Faro tremule a das tres » Côres. Artigo V. O presente Tratado será ratifi-

„ cado dentro de vinte e quatro horas , em cujo es-
 „ paço haverá huma suspensão de Armas , conser-
 „ vando-se os dois Exercitos nas posições em que se
 „ achão. Artigo VI. O presente Tratado , logo que
 „ for assignado , e ratificado pelas duas Partês Con-
 „ tratantes , será Registado no Livro Mestre da Ca-
 „ mara de Faro , para que conste a nossos Netos ,
 „ que havião ainda Portuguezes em Olhão no mez
 „ de Junho de 1808. „ Então , que vos parece , es-
 „ tais pelo conteúdo , ou quereis guerra ? Escolhei ,
 e nada de demoras.

CAPIT. FRANC.

Alguns Artigos ha , para os quaes não trago po-
 deres , como são o Segundo , e Quarto ; porém não
 obstante , mandarei a Faro , para que o General os
 approve.

TENENTE.

Em quanto a mim , nem o primeiro approvaria ,
 principalmente aquella clausula de invasão por mar ;
 visto que a nossa Guerra actual he terrestre , e não
 podemos tratar nada ácerca da maritima.

CHARROCO.

Dizeis bem , foi fatal esquecimento do que es-
 creveo o Tratado , que se não lembrou nesse momen-
 to , que vós ereis Francezes : de boa vontade consin-
 to que a invasão por mar seja riscada , e mesmo , se
 vos apraz , metter-lhe-hemos em seu lugar a seguinte :
 „ Que os Habitantes de Faro consentem ser passa-
 „ dos á Espada , se hum só Francez abordar por
 „ mar nos Algarves. „

CAPIT. FRANC.

Igualmente he essencial , que em quanto nós
 enviamos hum Correio ao nosso General , para que
 approve o Tratado , vós mandeis igualmente hum Avi-
 so a esse Militar , para que não trate nada com os
 Inglezes.

CHARROCO.

Já vos disse que não he da nossa competencia: mandai vós se quereis (*Hum Soldado Francez correndo entrega humas Cartas ao Capitão.*)

CAPIT. FRANC. (*Abrindo, e quasi assustado.*)

Vejamos! Ella he do General. (*Lé.*) „ Capitão, estamos perdidos: se não me soccorreis, estou em termos de perder a vida: Faro está sublevado. „ A Deos, não tenho tempo para mais. „ *Aux armes, aux armes; marchons sur Faro*: he occasião de mostrarmos quem somos. (*Tremendo.*) Nós vamos, rebeldes, dissipar-vos.

MINISTRO.

Que he, Senhor Capitão? Que acontece de novo?

CAPIT. FRANC.

Que ha de acontecer, *futre*; estão os vossos, senhores de Faro, e igualmente insurgidos.

CHARROCO.

Tambem pegou Faro em armas! Bonjto. Eis o que faz o bom exemplo. Olhem, se nós fazemos as pazes, que não podiamos ser agora da Guerra: corramos a avisar a nossa gente, para virmos ajudar os de Faro.

MARIANNA.

Voemos. A Deos, Senhor Commandante, brevemente nos veremos. (*Vão-se os Francezes.*)

MINISTRO.

Que triste situação he a dos que nos tempos das Revoluções administrão a Justiça! Por serem uteis aos seus Concidadãos continuão a administralla durante o Governo intruso, ameaçados todos os dias pela tyrannia, se não vexão os Povos: chega em fim a Revolução; e estes que assim se comportarão, são muitas vezes confundidos com aquelles, que nas

H

mesmas circumstancias cumprião á risca as Ordens do Despotismo. Corro a unir-me aos meus Compatriotas: a sua he a minha Causa; e se alguém d'entre elles pertender manchar-me com a negra suspeita de Partidista, oppôr-lhe-hei a historia da minha vida: invocarei, se necessario for, em meu abono os beneficios, que os Habitantes de Faro tem recebido de mim, durante seis annos; e com taes Documentos, e tão bons Juizes, não receio justificar minha innocencia. Corramos.

A C T O III.

○ Theatro representa a Vista de Campo.

S C E N A I.

O Segundo Capitão Portuguez.
(*Encaminbando-se para a boca do Theatro.*)

CAPITÃO.

HE mais que certo. Faro pegou em armas para sacudir o jugo dos Tyrannos: nas mais altas Torres já tremúla a Bandeira Portugueza: tocão-se todos os sinos: chegou em fim o feliz momento, por que ancioso suspirava. Patria, e tu PRINCIPE excelso, cuja Imagem ficou gravada no coração dos verdadeiros Portuguezes, sereis vingados. Mas que devo fazer neste lance? Devo retirar-me para Faro, unir-me aos meus Compatriotas, ou conservar este posto á

custa da propria vida, para que os pérfidos se não aposses delle. Ouço tumulto, que para aqui se avisinha, serão os cobardes? Ou os briosos Portuguezes, que marchão para combate-los? Soldados, chegai a postos, e voltai a Artilheria para o lado contrario. (*Entrão, e assestão a Artilheria para o lado contrario.*) Soldados, os nossos Concidadãos, imitando o exemplo dos de Olhão, como elles, se armirão para repellir o Inimigo: acha-se a nossa Cidade ameaçada pelos mesmos pérfidos, que marcharão contra nossos visinhos: he necessario fazermos-lhes frente, e não os deixar aproximar. Jurais morrer antes do que tal consentir?

SOLDADOS.

Juramos.

CAPITÃO.

O tumulto cada vez mais se avisinha: vejamos. (*Vai vêr da parte de Olhão, e depois da parte de Faro, e corre para os Soldados appressado.*) Companheiros das fadigas, e gloria, alegrai-vos: são os vossos Irmãos, que se encaminhão para estes sitios: já ferem os ares as vozes de alegria; e tremula vaidosa no centro dos valentes a Bandeira Portugueza.

S C E N A II.

O Primeiro Capitão commandando os Paizanos de Faro, armados de toda a sorte, e com o laço vermelho no braço. O Segundo Capitão, e Soldados do seu commando.

I. CAPITÃO. (*Depois de ter postado a sua gente no fundo do Theatro, avança-se, trazendo na mão a Bandeira Portugueza.*)

O Official e Soldados, conheceis esta Bandeira?

H ii

2. CAPITÃO, SOLDADOS.

Conhecemos.

I. CAPITÃO.

Sabeis o que ella significa na mão de hum Portuguez?

2. CAPITÃO.

Morrer, ou vencer pela Patria, PRINCIPE, e Religião.

I. CAPITÃO.

He necessario mostrallo.

2. CAPITÃO, E SOLDADOS.

Queremos mostrallo.

I. CAPITÃO. (*Para os do seu commando.*)

Amados Companheiros, alegrai-vos! Encontramos Portuguezes. (*Para todos.*) Valorosos Compatriotas, juremos todos por estas Quinas, que nossos Avós forão plantar nas quatro partes do Mundo, espirar antes nas ruinas da Patria, e ser extincto com ella o nome Portuguez, do que consentirmos que jámais essa Bandeira do Tyranno do Continente, tremule nas nossas Torres, ou Fortalezas.

SOLDADOS.

Juramos morrer antes.

I. CAPITÃO.

Eia pois, mostremo-nos verdadeiros Portuguezes. Hum bando de Assassinos devastava até aqui o bello Paiz dos Algarves: he necessario exterminallos, e que nem hum só ouse mais pizar a terra, que nossos antepassados nos remirão á custa do seu valor, e sangue. (*Para o 2. Capitão.*) Seria bom que hum de nós fosse observar os movimentos do Inimigo.

2. CAPITÃO.

Eu vou; e se necessario for, chegarei mesmo onde elles estão; e brevemente voltarei. (*Parte.*)

1. CAPITÃO. (*Para os de seu commando.*)
 Amados Concidadãos, uni-vos a estes valentes
 Soldados, que de hoje em diante vão formar com-
 vosco huma mesma familia. (*Formão-se todos.*)

S C E N A III.

O Segundo Capitão, e os mesmos.

2. CAPITÃO.

OS Tigres para cá se encaminhão a toda a pres-
 sa; pouco podem tardar.

1. CAPITÃO.

Não esperemos que elles nos accommettão; po-
 rém antes de os esmagarmos, escutai o que vos di-
 go pela voz da Patria. Amados Concidadãos, o dia
 19 de Junho de 1808 vai ser para sempre memora-
 vel nos fastos da Historia Portugueza: elle provará
 á derradeira Posteridade o vosso grande Patriotis-
 mo, e que não tinhamo murchado ainda os louros, que
 nossos Avós nos deixárão por herança: provará que
 ainda circulava nos Habitantes dos Algarves o ge-
 neroso sangue dessa longa serie de Herões famosos,
 que não satisfeitos com as victorias do Continente,
 forão plantar as Quinas Portuguezas em todas as
 partes do Mundo conhecido: descobrindo Regiões
 incognitas, dobrando o Cabo dos tormentos, e fa-
 zendo que o soberbo, e até alli indomito Elemento
 obedecesse ao Imperio Portuguez. E dar-se-ha caso,
 amados Concidadãos, que, vós Portuguezes de hoje,
 não sejais os mesmos de então! Ou para o serdes,
 que seja necessario pôr á vossa frente os veneráveis
 Esqueletos de hum Nuno Alvares, de hum D. João

de Castro, de hum Vasco da Gama, e de tantos outros Heroes. . . . Porém, perdoai meu entusiasmo: a morte não estende o seu Imperio sobre os Homens Grandes, que merecerão da Patria: elles ainda vivem em vossos peitos; e elles estão animando o coração de vós todos. Portuguezes, corramos á Victoria, vamos aniquilar esse infame bando de malvados, que a cólera de Napoleão vomitára sobre Portugal: vamos ensinar-lhe como se vence; e dar a todos os Portuguezes o mais bello exemplo do santo amor da Patria. Mas antes que partámos, he necessario, Soldados, que tinhais tambem o signal da firme união das nossas vontades: fallo da do Patriotismo, que abraza nossos corações. Eis-ahi tendes essas fitas, cingi-as igualmente aos vossos braços. (*Põem todos o laço vermelho.*) Hum dia, queridos Compatriotas, virá, e o coração me diz, que não está longe, em que nunca tendo deixado cahir dos valorosos braços nem as armas, nem este distinctivo, entraremos triunfantes em Lisboa, para livra-la da oppressão dos Tyrannos; e recebermos no reconhecimento de seus Habitantes o prémio de nossas fadigas. Marchemos ao Campo da Gloria; e juremos de novo á face dos Céos, e da terra, morrer pela nossa Independencia, PRINCIPE, e Religião. Viva o PRINCIPE REGENTE. (*Repetem todos, e marchão.*)

S C E N A IV.

Julieta , e Florinda.

JULIETA. (*Apressada , e com susto.*)

Para onde me guia o destino ! Ai ! Infeliz de mim : sigo as pégadas do meu Amante , unico asylo que me resta no Universo , e corro atrás de huma quiméra ! Onde estará elle ? Que será feito de meu Irmão ? Sós , sem defenza , duas mulheres ! Quem nos livrará de sermos insultadas . Ah ! Florinda , Companheira infeliz de minhas desventuras , quanto melhor me fôra não ter nunca vindo a Portugal . Que desgraçada sorte he a minha : fugi da França para escapar á furia dos meus ; e em Portugal , unico abrigo , que encontrei sobre a terra , sou perseguida , porque sou Franceza ! Deixa que minhas lagrimas me reguem as faces , e que dem por algum momento lenitivo ás minhas penas .

FLORINDA.

Não choreis , Senhora : não sois tão desgraçada quanto vos parece : lembrai-vos que não habitais entre feras ; e que os Portuguezes sabem distinguir a virtude do crime , e o nome do objecto . Ah ! Não lhes façais a injustiça de persuadir-vos , que vos maltratam só porque sois Franceza .

JULIETA.

Meu Irmão , Florinda , tendo seguido o moderno partido Francez , depois de ter recebido tantos favores da generosidade Portugueza , ha de agora ser tratado como verdadeiro oppressor . A mesma sorte que o espera , está guardada para sua Irmã ! (*Chorando.*)

FLORINDA.

Desterrai semelhantes suspeitas, recordai-vos, que se os Portuguezes vos acolhêrão na vossa desgraça, não hão de agora contradizer-se.

JULIETA. (*Ouvindo tiros.*)

He o signal da morte... O meu Amante... Meu Irmão... Ambos talvez não existem... Ah!... Não sobrevivo a semelhante idéa... Sinto desfallecer-me... presta-me os teus braços... eu morro... (*Cabe desfallecida.*)

FLORINDA.

Minha querida Ama, tomai alento, não desanimeis: quem vos disse que não estão ambos vivos? Sim, o vosso Amante vive: lembrai-vos que as súplicas de todos os Habitantes dos Algarves sobem ao Ceo piedoso, pedindo-lhe a sua vida: nella está posta a salvação de nós todos, e Deos ha-de escutar tão justa Petição.

JULIETA. (*Tornando a si.*)

Vive o meu Amante? Ah! Florinda, que balmado consolador verteste nas minhas veias: sim, para elle he que vivo, quero pois ainda viver: elle he meu, fe-lô para mim a Natureza; e os homens nem com suas perpetuas guerras, e opiniões destructivas, nem o Déspota da França com todo o poder de suas baionetas, serão capazes de mo arrancar do coração: sua imagem querida existe aqui dentro. (*Bate nos peitos.*) É neste recondito Paiz ninguem penetra, se Amor não lhe conduz os passos.

FLORINDA.

Se não me engano alguém se encaminha para estes sitios: fujamos para este lado, por não sermos apercebidas, e de lá observaremos se o vosso Amante he da Comitiva.

SCENA V.

Charroco, Marianna, e Amaro, *com a gente de Olhão, que chegam apressados.*

CHARROCO.

Será possível que chegassemos tarde, e que já não possamos, como os outros, molhar também a nossa sopinha; seria para mim huma desgraça de me ir affogar, se depois de ter tido a basofia de tratar paz com os representantes de hum Imperador, não tinha agora o prazer de lhes dar huma prenda minha, para que se lembrassem toda a vida do Charroco dos Algarves.

MARIANNA.

Não te préguei eu, e a todos os Sabichões, que nada de paz com aquella qualidade de gente, que guerra, e mais guerra, e sempre guerra. He bem feito que tenham outros a pechincha de os guerrear.

AMARO.

Dizes bem, Senhora Secretario; se as mulheres tivessem voto em Cabido, muitas coisas andarião melhor do que andão.

CHARROCO.

Já agora, Marianna, não ha remedio: confesso que errámos na nossa politica. Com tudo já que a vindima esta feita, vamos ver se encontramos ainda algum bago: quero dizer, se pescamos o peixe miudo, que escapasse pela malha da rede barredoura. Marianna, destaca-te por este lado com alguns homens, em quanto nós vamos por este: *Olho vivo, pé ligeiro, arma prompta, e fisga nelles*: estas são as palavras da Ordem do dia, vamos.

(*Sabem.*)

SCENA VI.

Soldados Francezes, fugidos de Faro, encontram Julieta e Florinda, e trazem-nas arrebatadas para dentro da Scena: estas fazem esforços para se escaparem.

FLORINDA.

BArbaros, deixai-nos! Se não respeitais o nosso sexo, respeitai ao menos os da vossa Nação: minha Ama he Franceza: nem esse nome desarma vossa crueldade? (*Querem salvar-se, porém os Soldados não as deixão.*)

SCENA VII.

Charroco e Amaro com os Paizanos, que correm sobre os Francezes; estes tirão as espadas para se defenderem; porém são em breve desarmados, e ajoelhão.

SOLDADOS FRANCEZES.

Misericorde, pardon. (*Os Portuguezes querem matallos.*)

CHARROCO.

A corda merecião vossês todos ao pescoço; mas em fim são termos de guerra, quem se rende não se mata, e assim he que vencem os Portuguezes. Oh lá, não os mateis. Estão prizioneiros de Guerra. (*Voltando-se para Julieta e Florinda.*) E vós, a quem tivemos a fortuna de salvar da boca destes ursos brancos, quem sois?

* 67 *

FLORINDA.

Eu sou Portugueza, legitima de todos os quatro costados.

CHARROCO.

E cá esta Senhora, que me parece não andar muito acostumada a combater por fóra de casa?

FLORINDA. (*Embaraçada.*)

He... minha Ama: ella he ... Sim ... Está nos Algarves ha muitos annos.

CHARROCO.

Máo, temos contrabando: dize, confessa, he Portugueza, ou Franceza?

FLORINDA.

Minha Ama he Pórtugueza nos sentimentos:

CHARROCO.

Não te pergunto por sentimentos: guarda-os lá para quem lhos quizer: pergunto se nasceo em Portugal, ou na França?

JULIETA.

Para que encobris minha origem: a verdade he de todos os climas: sabeí que sou Franceza.

CHARROCO.

Está prizioneira de Guerra: tenha paciencia, em tal caso não lhe vale o privilegio de saia, nem a recommendação da facha. (Que não he má para tempo de paz.) He, já se sabe, coisa pertencente a algum Officialzinho Francez, que apenas pode salvar o número hum, e que deitou para trás das costas o que lhe ficava na Retaguarda: Oh! elles em amor são o mesmo que nas armas, qualquer das duas coisas largão sem grande custo, quando se trata de fugir: fortes pernas tem! São das que merecem ser encastoadas.

FLORINDA.

Juro-lhe que minha Ama não pertence a Of-

ficial Francez , destes que viéram ultimamente.

CHARROCO.

Pois a quem? Acabai.

FLORINDA.

Minha Ama he Irmã do Senhor Ajudante de Ordens do General Francez.

CHARROCO.

He o mesmo , porque o tal Senhor não differe dos que chegarão ultimamente , senão em se ter anticipado na jornada. Está prizioneira , tenha paciencia ; (*Para Florinda.*) e V. m. tambem por ser Jacobina . . . Mas quem vem para nós ! Ponhâmo-nos no recto.

SCENA VIII.

O Segundo Capitão , alguns Soldados Portuguezes ,
e os antecedentes.

CHARROCO. (*Corre para elles.*)

ENtão , Senhor Capitão , já não nos resta nem hum bocado delles , ou podemos contar ainda com algumas arrobas ? Nós somos os *Frazões* de Olhão , que vinhamos ajudar os *Pimpões* de Faro.

2. CAPITÃO.

Tudo está concluido : os cobardes fugirão dispersados : o nosso Commandante em Chefe lá vai com a sua gente em seu seguimento ; e eu venho ver se encontro alguns estraviados para evitar que commettão atrocidades por essas pequenas Povoações , e casas solitarias.

CHARROCO.

Já vos tenho alliviado de grande parte desse tra-

* 69 *

balho: eis-aqui huns poucos que já aprizionámos, e ainda lá trago por fóra mais Tropa em cata delles.

2. CAPITÃO.

Esta colheita não he para desprezar: muito folgo que a tenhais feito. (*Olhando para os Francezes.*) Então, Soldados Francezes, ainda não reconheceis a mão de hum Todo Poderoso, que tarde ou cedo protege a innocencia, e castiga o crime? Ainda não confessais, que os Portuguezes não são quaes vos dizião lá na França? Mas vós sois humas simples, e grosseiras máquinhas, que Napoleão move á sua vontade: pertender que escuteis a razão, he o mesmo que pertender que os brutos fallem.

CHARROCO.

Ainda o meu Capitão não vio outros prizioneiros de outra laia, que não tem bigodes, nem as mãos callejadas. Olhai (*Mostra-lhe Julieta, e Florinda.*)

2. CAPITÃO.

Que vejo! He possivel que vós, Senhora, vos acheis nestes sitios! Julieta prizioneira!

JULIETA.

Senhor Capitão, em nome do meu sexo, em nome do meu Amante, livrai-me de alguns insultos.

2. CAPITÃO.

Ponde em liberdade essa Senhora: eu respondo por ella.

CHARROCO.

Vêde, Senhor Capitão, que he Irmã do Ajudante de Ordens do General Francez; e que favorecella, he proteger os Francezes.

2. CAPITÃO.

Vós não tendes Mãi, Irmã, ou Amante?

CHARROCO.

Tudo isso tenho com graça de Deos, e em perfeita saude, para o vosso serviço.

2. CAPITÃO.

Desejareis que hum Francez as maltratasse , só porque vos pertencião ?

CHARROCO.

Certamente que não; e exporia a minhá vida para as defender.

2. CAPITÃO.

E serião ellas responsaveis das vossas acções ?

CHARROCO.

Sem dúvida que não.

2. CAPITÃO.

Pois então , por que pertendeis maltratar quem nunca vos offendeo , e não tem culpa do que o Irmão tem feito.

CHARROCO.

Estou capitulado : já aqui não está quem fallou , sejam livres : agora como bom Portuguez quero pedir-lhe perdão (*Avança-se para Julieta.*) Senhora , perdoai se ousei maltratar-vos : eu tenho bom coração ; mas em tempo de guerra perco as estribeiras , e dou por páos , e por pedras : he queixa da familia , já meu Pai assim foi na de sessenta e tres.

JULIETA.

Honrado homem , não tenho que perdoar-te , mas antes que agradecer-te a salvação da minha vida.

SCENA IX.

Os mesmos , e Marianna , que traz hum Dragão Francez prizioneiro.

MARIANNA.

ANde , Senhor Dragão , tenha paciencia , está pri-

* 71 *

zioneiro de Guerra : não tenha medo , cahio em boas mãos : os Soldados da minha especie raras vezes fazem mal aos da outra.

CHARROCO.

Não encontrastes mais ?

MARIANNA.

Este mesmo me hia escapando , porque fugia a unhas de cavallo ; porém sahi-lhe ao encontro por hum atalho , e o fracalhão logo que me vio por diante , desanimou , e rendeo-se.

2. CAPITÃO.

Quem he este valoroso Joven ?

MARIANNA.

Pois ainda me não conheceis ?

CHARROCO. (*Ao ouvido do Capitão.*)

He Marianna , que está para ser nossa Companheira com a graça de Deos.

2. CAPITÃO.

He verdade o que dizeis ? Joven , se todas as da tua especie te imitassem , podiamos nós outros deixar-mo-nos a dormir.

MARIANNA. (*Triste.*)

Está forte desventura minha ! Sou desgraçada !

CHARROCO.

Porque , Marianna ? Dize , bem sabes o que tens no teu Charroquinho.

MARIANNA.

Que ha de ser : a todos tem cabido algum camizola , e a mim só Dragões me cabem.

CHARROCO.

Dragões são elles todos de camiza , ou sem ella : tudo he o mesmo.

MARIANNA.

Eis-ahi o que he discernir bem as coisas : já estou contente.

2. CAPITÃO.

Companheiros, marchemos para Faro levar aos nossos Concidadãos a alegre noticia da victoria que alcançámos, e acabar de aprisionar os Francezes, que ahi se acharem Mas para cá se encaminhão os nossos.

S C E N A X.

Os mesmos, o primeiro Capitão, o Ministro, Soldados, e Paizanos, que trazem huma Peça de Artilheria tomada aos Francezes, e alguns Prizioneiros.

1. CAPITÃO.

V Alorosos Portuguezes, os cobardes fugirão desordenados a procurar pelas brenhas azylo á inevitavel morte, que os aguardava. O proprio Commandante foi o primeiro que os abandonou, fugindo vergonhosamente diante de todos: finalmente todos largando as armas no chão, forão dissipados, *qual impetuoso vento do Meio-dia dissipa as areias das nossas praias.* Nenhum receio devemos ter que voltem, assás lhes sahio cara a primeira experiencia, para que pertendão repetilla. Ah! Praza aos Ceos que os furagidos Tigres não vão para além das montanhas faltar no sangue dos seus desacautelados Habitantes a sede, que não puderão saciar entre nós! (*Olhando para Charroco, e a sua gente.*) E vós, Portuguezes, a quem o laço da reunião não adorna o braço, quem sois?

CHARROCO.

Somos aquelles, que tiverão a gloria de serem os primeiros, que em Portugal levantárão Cabeça

contra Francezes, com quem há pouco estes tratavão huma paz, e que vinhamos ajudar os nossos vizinhos de Faro: finalmente somos os Habitantes de Olhão.

I. CAPITÃO.

Illustres e valentes Portuguezes de Olhão, o vosso nome será pronunciado com respeito pelos nossos ultimos Netos: fostes os primeiros que em Portugal ousastes sacudir o jugo dos Vandalos modernos: vosso exemplo nos servio de exemplo, e o de nós ambos vai servir de modelo a todas as Provincias de Portugal. (*Olhando para ella.*) He possivel, querida Julieta, que vos acheis nestes sitios! Dizei, por que modo viestes aqui parar? Para minha felicidade ser em tudo completa, quizerão os Ceos, que depois de triunfante, encontrasse o unico objecto, que afóra a salvação da Patria, occupa minha alma. Dizei por que milagre....

JULIETA.

No meio da Revolução de Faro apenas me pude escapar para seguir vossos passos, unico asylo á funesta sorte, que me estava talvez preparada. Chegando a estes lugares, fomos descobertas pelos Francezes, e por elles maltratadas; e graças áquelle benefico homem (*apontando para Charroco*) fomos por elle libertadas.

CHARROCO.

Eu não costumo viver do crédito alheio: dê pelo contrario os agradecimentos de não estar por mais tempo prisioneira ao outro Senhor Capitão. (*Apointando para elle.*)

I. CAPITÃO.

Amigos, eu vo-lo agradeço: cumpristes com o dever de verdadeiros Portuguezes, que contemplão só a desgraça, e não se informão da Nação do infeliz.

K

JULIETA.

Mas, generoso Capitão, promettestes-me salvar minha familia, resta-me hum Irmão, que ficou em Faro, e quem sabe se os seus Habitantes no delirio de seus transportes.....

I. CAPITÃO.

Ah! Não me recordeis seu nome: deixai-me esquecer de que he vosso Irmão... Mas sim, elle não o he; ou pelo menos vosso coração, e acções em nada se parecem com as delle. Com tudo, para vos dar huma próva authentica de quanto vos amo, e de que não sei faltar ao que prometto, eu mando informar-me do que se passa a seu respeito, e do General.

MARIANNA. (*Que tem durante esta Scena sempre andado a examinar por entre os Bastidores, e corre apressada para o Capitão.*)

Senhor Capitão, lá vem tanta gente de Faro, e trazem no meio hum homem agalocado, e outro em mangas de camiza: para aqui se encaminhão, venhão ver, venhão ver.

2. CAPITÃO.

Não tem que ver: he sem dúvida o General, e alguns Soldados Francezes.

JULIETA.

Quem sabe se o outro he meu Irmão. Ah! Desgraçado!

I. CAPITÃO.

Conduzi-os á minha pre

S C E N A XI.

Os mesmos, General Maurin, e o Ajudante em mangas de camiza, alguns Soldados Francezes: Homem de Faro.

HOMEM DE FARO. (*Para o I. Capitão.*)

Nosso General, aqui vos trazemos estes senhores, que têm muitas saudades vossas, como igualmente estes camizolas, com quem os nossos rapazes tratando como crianças, se divertirão a tirar-lhes as armas, e a brincar com as barretinas.

I. CAPITÃO.

Está bom, deixai-os livres: Senhor General, estais feito prisioneiro de Guerra: entregai-me a Espada.

MAURIN.

Ainda me não considero vencido; porque minhas Tropas não tardarão a vingar-me.

I. CAPITÃO.

Admiro que sendo vós seu General, não tenhais dellas melhor conhecimento. Sabeis pois que mal estes valorosos Portuguezes forão em seu alcance, fugirão debandadamente, largando as Armas, e Artilheria para seguirem o vosso intrépido Capitão, que ainda fugia mais do que os Soldados; e que a esta hora os que se podessem escapar, terão passado as montanhas.

GENERAL.

Oh raiva! Maldito Junot: maldito tu mesmo Imperador, que sois a causa de passar pela primeira vez por esta ignominia! Ahi tendes a Espada.

I. CAPITÃO. (*Para o Ajudante.*)

E tu, homem pérfido, e ingrato, vil hypocrita, eis o premio de teus crimes: vê como a opinião pú-

blica sabe melhor do que ninguem distinguir a perversidade: ao General Francez, a pezar de ter sido o principal instrumento dos nossos males, conservou o Povo a Espada, e Uniforme, e a ti a mesma farda te despírao.

AJUDANTE.

Dize-lhe, que me restituaõ a Espada, e vem, se te atreves, pagar com a morte as injúrias, que me lanças em rosto.

I. CAPITÃO.

Ainda ousas insultar-me, miseravel, ainda hum raio de luz não esclareceo tua alma tenebrosa. Vai, peste da sociedade, que só respiras corrupção, e cuja pestilenta athmosfera he capaz de inficionar Cidades inteiras: vai longe de nós levar contigo teus crimes, e punição.

JULIETA. (*Para o I. Capitão.*)

Lembre-vos vossa palavra: poupai-lhe ao menos a vida. (*Para o Ajudante.*) Meu Irmão, eis o fructo de não queredes abraçar meus conselhos. Quanto melhor nos fôra termos vivido na obscuridade, não passarias por este opprobrio, nem eu seria espectadora de huma Scena, que me dilacera o coração.

AJUDANTE.

Ainda ousas apparecer-me? Emmudece, Irmã degenerada: já te não reconheço como tal: és a meus olhos mais vil, que a mais vil Portugueza.

I. CAPITÃO.

Senhor General, sois nosso prizioneiro: sereis tratado não como mereceria hum Militar Francez, mas como costumão tratar os Portuguezes aos seus mais crueis inimigos. Series todos enviados á Esquadra Ingleza, e confiados á generosidade dessa Nação: prizioneiro, ou não, temos jurado que nenhum Francez pizará mais de hoje em diante o bello ter-

reno dos Algarves: a belleza do nosso clima, a doçura de costumes de seus tranquillos Habitantes, he incompativel com a vossa existencia. Se hum dia vos encontrardes com o pequeno Déspota Junot, dizei-lhe da nossa parte, que os Algarvenses não necessitão das suas lições para saberem vencer; e para prova disto, contai-lhe como fostes vencido. Que muito menos necessitão da sua protecção para crearem Camões; porque aquelles, que regenerão Albuquerque, e Castros, sabem, se quizerem, tambem produzillos; que finalmente guarde essa descoberta para a França, onde, a pezar de toda a sua tão decantada Literatura, ainda não houve não só quem imitasse aquelle sublime Poeta, mas mesmo quem o soubesse traduzir dignamente. Se tiverdes igualmente a ventura de fallardes a vosso Amo, para vós o *todo poderoso*, e para nós o Tyranno do Continente, dizei-lhe, que encontrastes hum pequeno Canto em Portugal, onde a influencia de suas maquinações, e infernal politica, nunca atravessou as montanhas; onde o terror de seu Nome e Armas, nem ás crianças mette medo; onde finalmente existem Portuguezes, que não reconhecem outro poder, que o da sua união; outra ventura, que a da sua independencia; e outra submissão, que a que devem ao seu PRINCIPE legitimo.

CHARROCO.

Queira perdoar, Senhor Capitão, porém eu requero, que dêmos huma busca ás arcas encouradas dos Soldados, nossos prizioneiros, porque estes trastes andão sempre de casa mudada, e he natural que venhão atacadas de móveis saqueados.

I. CAPITÃO.

Deixai essas máquinas, e vís instrumentos de ambição do grande Déspota: não os toqueis, temeirdes inficionados.

CHARROCO.

Se tal he, requeiro antes que lhe façamos hum cordão, para que o contagio não se apegue.

MARIANNA.

Mas, Senhor, os cordões de nossas Mulheres e Irmans, e outros roubos, bem vedes que. . . .

2. CAPITÃO.

O oiro na mão do Roubador torna-se em verdadeiro veneno, que rala pouco e pouco suas entranhas.

MARIANNA.

Então em veneno se converta; mas veneno forte, que os mate de repente.

I. CAPITÃO.

Bella Julieta, a Patria ainda me reclama; salvirão-se os Algarves, mas o resto de Portugal ainda géme. Escolho hum santo azylo para vossa morada: lá no silencio da noite, e das paixões enviareis aos Ceos vossas súplicas pelo bom exito da nossa Causa; e quando a Patria não precisar de mim, virei coroar nossos amores. Irás para hum Convento. Estais contente?

JULIETA.

A minha vontade seria acompanhar-vos, respirar o mesmo ar, que vós respirasseis, e adoçar com minha presença as fadigas, que vos esperão. Mas já se a sorte me nega tamanha ventura, resignada obedeço ás ordens do meu Amante.

I. CAPITÃO.

Lembrai-vos, cara Julieta, que Heloisa no centro da Clausura não ardia menos de amorosas chammias pelo seu terno Abeillard. (*Para todos.*) E vós, meus Compatriotas, respeitai na pessoa de minha Amante a virtude: esta he sempre digna de nossa veneração, seja qualquer que fôr o seu Paiz. Lem-

brai-vos que não he a bella *metade* dos Francezes que devemos nossas desgraças : esta tanto como nós odeia o Déspota da França : recordai-vós finalmente, que se a revolução Franceza não produzio verdadeiros Heroes, produzio pelo contrario milhares de Heroínas. Charlotte Cordois, M.^{ne} Rolland, e M.^{me} Lafaete, e tantas outras, são desta verdade eterna prova.

MARIANNA.

Senhor Capitão, admiro que não falleis das Heroínas Portuguezas?

CAPITÃO.

Joven, se o não faço, he porque nenhuma nos escuta :

CHARROCO. (*Ao ouvido do 1. Capitão.*)

O tal Joven, Senhor Capitão, he desta vez hum rapariga como hum figo, e que está de mais a mais para ser nossa Consorte.

1. CAPITÃO. (*Admirado, e medindo-a d'alto abaixo.*)

Eu vos satisfaço Joven : Portugal tem tido Heroínas em todos os tempos : o Capitão de Julio Cesar, quando veio á Lusitania, foi desfeito na Provincia do Minho pelas Matronas Bracarenses : Aljubarrota, e D. U ficirão immortalizadas pelas Heroínas Portuguezas, e de hoje em diante Olhão será célebre por esse mesmo motivo.

MINISTRO.

Senhor Capitão, necessito de justificar-me perante a Nação, e meus Compatriotas, de ter acompanhado os Francezes, quando marcharão sobre Olhão.

CAPITÃO.

Não precisais : nenhum de nós deve ignorar, que foi a força, e não a vossa vontade, que vos arrancou de Faro : he sempre a vida inteira do homem

que deve decidir da sua moral, e sentimentos; e não as acções do momento, que circumstancias superiores ás nossas forças nos obrigarão a praticar. Provêra aos Ceos, Senhor, que todos vos imitassem, e que não tivesse a nossa Patria de amaldiçoar hum dia alguns de seus ingratos filhos. Honrados, e valerosos Habitantes de Faro, e Olhão, escutai finalmente o que vos digo. Estamos inteiramente livres de nossos crueis oppressores, e para sempre cobertos de gloria: acha-se a nossa Provincia restaurada; mas não he tudo termos expedido para longe de nós esses Assassinos: he pouco, seria mesmo nada, se não concorressemos para a Restauração das outras, e não puzessemos hum Dique á torrente impetuosa desses Vandalos, que póde ainda despenhando-se inundar de novo o nosso solo. Mostremos pois por nosso Patriotismo, e firme união de vontades a todo o Universo, que não nascemos para Escravos; que as nossas Minas produzem ferro, para combater, e algemar os inimigos; e que he elle, e não o Ouro que nos deve resgatar: haja pois quem mande, e obedeça, porque sem governo tudo he confusão, e anarquia. Formemos huma Junta interina em Nome do nosso querido PRINCIPE, composta dos membros mais puros de todas as Classes de Cidadãos, e que seja presidida pelo nosso verdadeiro Governador: confiemos nella, e seu Presidente os nossos mais caros interesses. Não maltratemos os homens, que nos forem suspeitos, para longe de nós a Serpente da discordia Civil, mas afastemo-los da Causa publica, e que não tenham parte nas resoluções do Governo. Eis, amados Concidadãos, quanto tenho a dizer-vos, e quanto nos resta a fazer. „Vi-
 „va o nosso PRINCIPE REGENTE, e toda a
 „Familia Real. „ (*Repetem todos.*)

CHARROCO.

Senhor Capitão, perdoe o meu atrevimento; porém no seu bonito discurso faltou tocar n'hum pontozinho muito essencial: ás vezes lembra a cabeças fracas o que esquece ás melhores cabeças do Mundo!

I. CAPITÃO.

Não duvido: no meio de tantos, e tão interessantes negocios, nem tudo póde lembrar: dizei o que me esqueceo, valente, e honrado Charroco.

CHARROCO.

Vem a ser, que achando-se os Algarves restituídos ao seu verdadeiro Dono, deve tambem partir a toda a pressa dos Algarves hum barco a dar parte ao nosso amado PRINCIPE deste acontecimento; e eu quero ter a satisfação, e gostinho de ser esse Navegante Portador.

MARIANNA.

Não, sem mim não irás tu, meu Charroquinho, ainda que soubesse que ficaria para Tia.

AMARO.

Já agora devemos ser todos tres Companheiros até á morte.

CAPITÃO.

Lembrança verdadeiramente Portugueza! Dizeis bem, e já se vós, briosos Habitantes de Olhão, fostes os primeiros que sacudistes o jugo Francez, he justo que ninguem vos prive da gloria de serdes tambem os primeiros em publicar vossos brilhantes Feitos. Ide pois, dignos Emulos d'esses Antigos, e Nobres Portuguezes, que viérão n'hum fragil Esquife noticiar ao Senhor Rei D. Manoel a importante noticia da tomada de Diu. Ide, não menos corajosos, e levai ao nosso querido PRINCIPE a gostosa noticia da Restauração dos Al-

garves. Dizei-lhe em nome de nós todos, sim, de todos os Portuguezes, que no meio da tyrannia de nossos oppressores, e iniquo Governo, sua adorada imagem existia gravada em nossos corações, e que o nosso amor, respeito e fidelidade, para com a sua Augusta Pessoa, crescia tanto mais, quanto em nossos peitos crescia o rancor e odio para com os crueis inimigos da nossa Patria. (*Avançando-se para os Espectadores.*) Amados Concidadãos meus, dignos do nome Portuguez, á Restauração dos Algarves succedeo em breve a de todo o Portugal: ajudados pela generosa Nação Ingleza aniquilemos de todo as devorantes Aguias, e nem hum só Francez depois de Setembro pizou o solo da nossa Patria. Mas, queridos Compatriotas, se a Hydra, que Hercules abateo, tinha cabeças que renascião, á Hydra Franceza, semelhante á de Lérna, rebentárão de novo hediondas cabeças; e então repassando os Pyrneos, silvando raivosa, arrojou seu escamoso ventre até Madrid. Eia pois, sejamos os Hercules modernos, armemos nossos braços com a massa Nacional, e corrámos ás Fronteiras destruir a infernal Hydra. Lá formando de nossos corpos huma muralha impenetravel, e possuidos do santo entusiasmo do amor da Patria, digamos-lhe a peito descoberto. Pér-fidos, Tigres com aspecto humano, para entrardes de novo no seio de nossa querida Patria, eis-aqui a estrada (*Batendo no peito*) por donde deveis penetrar primeiro que lá chegueis.

F I M.